



INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

## O Voto do Jovem em Portugal

Anapaula Folha Simões Siqueira

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Doutora Susana Santos, Investigadora Integrada  
CIES-Iscte - Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (ESPP)

Setembro, 2023



SOCIOLOGIA  
E POLÍTICAS PÚBLICAS

---

Departamento de Sociologia

**O Voto do Jovem em Portugal**

Anapaula Folha Simões Siqueira

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Doutora Susana Santos, Investigadora Integrada  
CIES-Iscte - Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (ESPP)

Setembro, 2023

## **Agradecimentos**

Aos meus pais, familiares e amigos que de perto ou à distância seguem torcendo por mim. Aos professores do mestrado, que compartilharam comigo seu conhecimento e experiência. À Professora Susana Santos, minha orientadora, por aceitar o desafio de guiar minha pesquisa e por trazer contribuições preciosas para este estudo. Sou imensamente grata por sua dedicação.



## **Resumo**

São muitos os fatores que contribuem com o distanciamento dos jovens das urnas e a descrença no sistema político é apenas um deles. Até mesmo a existência de outras possibilidades de participação, mais acessíveis e menos institucionalizadas podem contribuir para que os mais novos optem por pensar e fazer política de outro modo que não seja o convencional. Mas há um outro lado dessa história que é a dos jovens que se fazem presentes no processo democrático, mesmo atuando politicamente de outras formas mais conectadas com o dia a dia deles e suas demandas. A finalidade deste estudo é entender de que forma jovens portugueses integrados em coletivos e movimentos de natureza política ou cívica percebem a participação política, como é o envolvimento deles em uma forma mais tradicional de participação, como se dá a ida às urnas e se a comunicação em si tem alguma influência na vida deles, no sentido de estimular a participação política convencional.

**Palavras-chave:** voto, participação política convencional, socialização primária, socialização secundária, juventude, democracia.

## **Abstract**

*There are many factors that contribute to young people's distancing from the polls and disbelief in the political system is just one of them. Even the existence of other, more accessible and less institutionalized possibilities for participation can help younger people choose to think and do politics in a way other than the conventional one. But there is another side to this story, which is that of young people who are present in the democratic process, even acting politically in other ways more connected with their daily lives and their demands. The purpose of this study is to understand how young Portuguese people integrated into collectives and movements of a political or civic nature perceive political participation, what their involvement in a more traditional form of participation is like, how they go to the polls and whether communication in itself has some influence on their lives, in the sense of stimulating conventional political participation..*

**Keywords:** *vote, conventional political participation, primary socialization, secondary socialization, youth, democracy.*

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO: O JOVEM E O VOTO EM PORTUGAL.....</b>	<b>1</b>
<b>1. O QUE AFASTA O JOVEM ELEITOR DAS URNAS? .....</b>	<b>3</b>
1.1. Desconfiança na democracia .....	3
1.2. Sensação de não representação.....	4
1.3. Políticos e partidos desconectados das novas gerações .....	5
1.4. Falta de conversas sobre política em casa.....	5
1.5. Educação cívica pouco presente nas escolas .....	6
1.6. Comunicação ineficaz quando o assunto é política .....	7
1.7. Crescente desinformação, discursos de ódio e polarização .....	8
1.8. Mudança para formas não convencionais de participação .....	10
1.9. Preferência pela participação à distância.....	11
1.10. Precariedade que limita o envolvimento .....	12
1.11. E ser jovem é ser alienado? .....	13
1.12. Por que o voto do jovem é tão importante?.....	14
<b>2. DEFINIÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS .....</b>	<b>15</b>
2.1. Hipóteses.....	15
<b>3. PLANO DE INVESTIGAÇÃO E MÉTODOS .....</b>	<b>17</b>
3.1. Objeto de estudo.....	17
3.2. Análise documental.....	17
3.3. Escolha do método .....	17
3.4. Estrutura do guião .....	18
3.5. Seleção dos entrevistados.....	19
3.6. Recolha dos dados .....	19
3.7. Transcrição dos dados.....	20
3.8. Redução e análise .....	20
<b>4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>22</b>
4.1. Caracterização dos entrevistados.....	22
4.2. Comportamentos políticos: Por que os jovens votam?.....	23
4.3. Comportamentos políticos: por onde informam-se sobre política?.....	27
4.4. Comportamentos políticos: o que pensam sobre a política e a democracia?.....	28
<b>5. ANÁLISE DAS HIPÓTESES DO ESTUDO .....</b>	<b>31</b>
5.1. Hipótese 1: O interesse do jovem pelo voto nasce de sua socialização política primária, por meio da família .....	31

<i>5.2. Hipótese 2: O interesse pelo jovem caminha junto com a sua socialização política secundária, a partir da escola e do relacionamento com os pares.....</i>	33
<i>5.3. Hipótese 3: O ativismo e outras formas de mobilização, pelo contrário, aumentam o interesse do jovem pela política ao invés de diminuir. ....</i>	35
<i>5.4. Hipótese 4: Os jovens acreditam na democracia, apesar do ceticismo generalizado, do aumento da abstenção eleitoral entre os mais jovens e das teorias que apontam para uma crise do sistema democrático como um todo. ....</i>	35
<i>5.5. Hipótese 5: A comunicação é importante para informar sobre política e envolver o jovem e fomentar sua participação.....</i>	37
<i>5.6. Síntese e discussão dos resultados .....</i>	39
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>41</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>43</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>I</b>

## **ÍNDICE DE QUADROS**

QUADRO 1.....	22
QUADRO 2.....	24
QUADRO 3.....	25
QUADRO 4.....	26
QYADRO 5.....	27
QUADRO 6.....	28
QUADRO 7.....	28
QUADRO 8.....	29
QUADRO 9.....	30

## **INDICE DE FIGURAS**

FIGURA 1.....	23
FIGURA 2.....	26

## **INTRODUÇÃO: O JOVEM E O VOTO EM PORTUGAL**

De acordo com um relatório da Fundação Calouste Gulbenkian, os 58% dos jovens portugueses entre 15 e 24 anos ainda demonstram “nenhum ou pouco interesse” pela política, o que inclui eleições, partidos e políticos eleitos (Costa, 2022, p. 34). Cerca de 14% dos jovens admitem nunca terem votado (Sagnier & Morell, 2021, p. 292) e quando questionados sobre o que é importante para ser considerado um adulto, votar ocupa apenas o sexto lugar em suas prioridades (p. 326). A participação política por meio do voto é a forma menos adotada pelas gerações mais novas em Portugal (Costa, 2022, p. 45). Outras formas de participação política evoluíram entre os jovens em Portugal, tais como contatos com políticos, assinatura de petições e boicote a produtos por razões políticas (Magalhães, 2022, p. 31) e as redes sociais podem ter contribuído para esse aumento. Entretanto, esse crescimento não se reflete no número de jovens eleitores em Portugal, que possuem menor tendência em comparecer às urnas do que as faixas etárias mais velhas (Costa, 2022, p. 45). A idade é um dos fatores mais determinantes na explicação da participação eleitoral no país, que aumenta à medida que as pessoas envelhecem, o que também pode ser observado em outros países europeus (Lima & Artiles, 2013, p. 351).

### **1. O QUE AFASTA O JOVEM ELEITOR DAS URNAS?**

Mas antes de perceber o porquê de parte dos jovens não votar, é preciso se perguntar o que afasta os cidadãos de modo geral - e particularmente as novas gerações - das urnas. E os principais deles, segundo diferentes estudos, são apontados a seguir:

#### **1.1. Desconfiança na democracia**

Nos anos 60 do século passado os teóricos já discutiam as principais consequências do chamado “mal estar democrático” (Lisi et al., 2020, p. 2). A redemocratização em países como Portugal, Espanha e Grécia, Leste Europeu com o fim do império soviético, além da América Latina e da Ásia, trouxeram novas perspectivas para o futuro democrático ao longo dos anos 70. Nos anos 80, dizia-se que os teóricos tinham “subestimado as capacidades adaptativas do estado moderno” (Norris, 1999). Mas o “descrédito generalizado” dos cidadãos quanto aos governantes, a partir dos anos 90, estendeu-se à virada do milênio, com as demandas dos novos tempos não sendo acompanhadas pelas democracias do passado(p. 4). Recentemente, a crise econômica em si, a questão dos refugiados, o avanço do populismo ou o *Brexit* contribuíram, segundo Lisi et al. (2020), com a queda do apoio dos indivíduos às

instituições democráticas, sendo um risco para as democracias representativas (p. 1). A globalização e as novas tecnologias de comunicação acabaram também por amplificar o debate democrático e mesmo torná-lo mais transparente “em detrimento de interações mais amplas com os concidadãos”(Lisi et al., 2020, p. 3). Em Portugal, os protestos gerados pela crise na segunda década dos anos 2000 foram uma resposta às condições vividas no país, mas não somente, pois representavam a insatisfação com o funcionamento da democracia e com as respostas do sistema político aos problemas econômicos e sociais (Lima & Artiles, 2013, p. 347). Já (Lisi et al., 2020) afirma que o regime é avaliado pela situação econômica, “mas a democracia em si não é diretamente afetada pela legitimização do regime”(p. 83). O desapontamento dos cidadãos é maior em relação aos políticos do que à democracia propriamente dita (Lisi et al., 2020, p. 196). Entre os jovens portugueses, por sua vez, um nível maior de escolaridade tem uma relação direta com uma perspectiva positiva da democracia (Sagnier & Morell, 2021, p. 298).

Kaase (2009) e Norris (1999) sugerem que há um declínio na confiança e na satisfação dos cidadãos quanto à política, o que não quer dizer que a aceitação da democracia tenha diminuído ou a crença em sua estabilidade (Kaase, 2009, p. 22; Norris, 1999, p. 7). Na verdade, persiste ainda o apoio aos “valores e princípios democráticos” (Norris, 1999, p.27). (Hupe & Edwards, 2012) apontam como maior problema a dificuldade que os políticos têm em lidar com as demandas da sociedade (p. 177). Para Parvin (2018), a democracia é importante, mas nem todos conseguem participar da forma como esperam os teóricos (p. 31). Nos moldes atuais a democracia exclui os mais pobres, ele afirma, fazendo com que estes não só percam a vontade de participar, como se tornem menos capacitados para tal (p. 36). As desigualdades são um fator limitante, o que impede que todos os cidadãos possam desfrutar plenamente dos benefícios da democracia (Koopmans, 2009, p. 1). De fato, períodos de esperança e medo sobre o apoio ao governo democrático têm sido uma constante (Norris, 1999, p. 7). Mas se a democracia pode se renovar de tempos em tempos, com medidas para “ajustar as instituições democráticas às expectativas e demandas dos cidadãos” (Lisi et al., 2020, p. 1), as taxas de abstenção continuam altas, o que pode ser atribuído à instabilidade democrática tanto em Portugal (Lisi et al., 2020, p. 2) quanto em outras partes do mundo (De Blasio & Sorice, 2018, p. 2).

## **1.2. Sensação de não representação**

Os jovens podem também se afastar da política por não se sentirem representados por

ela e não verem suas opiniões sendo valorizadas (Costa, 2022, p. 46). Eles pedem por mais espaços para “aprender e fazer política” (M. Silva & Fernandes-Jesus, 2022) e reclamam que, mesmo em movimentos dos quais fazem parte, também não são ouvidos sempre e tomados por indiferentes (p. 52). Há ainda uma considerável distância entre o que os jovens desejam e os canais de participação convencionais, em especial os partidos políticos. Inclusive, atuar na construção daquilo que apoiam é a principal razão que leva os jovens a entrarem para as juventudes partidárias, para aqueles poucos que o fazem (P. Silva et al., 2022, p. 6).

### **1.3. Políticos e partidos desconectados das novas gerações**

Há falhas também no diálogo entre os jovens e os políticos, que não sabem lidar com a interatividade desse público e sua capacidade de “questionar, desafiar, redistribuir e modificar as mensagens que recebem” (Gurevitch et al., 2009, p. 171). Os agentes políticos usam de uma linguagem por vezes excessivamente intelectualizada para falar com a juventude (M. Silva & Fernandes-Jesus, 2022, p. 5). Os jovens consideram ainda que os políticos, além de não incluí-los nos debates ou colocá-los em posições relevantes, “nomeadamente em posições elegíveis em listas candidatas às eleições” (P. Silva et al., 2022, p. 7), não valorizam a contribuição que possam dar, não priorizam a comunicação com eles e não se valem de uma linguagem acessível (p. 59). E embora campanhas direcionadas a jovens tenham tido algum sucesso em atrair eleitores de classe média, essa estratégia acaba acentuando as desigualdades na participação política (Parvin, 2018, p. 37).

### **1.4. Falta de conversas sobre política em casa**

A socialização é um processo pelo qual um indivíduo é introduzido no mundo objetivo de uma sociedade, tornando-se um membro dela (Berger & Luckmann, 2004, p. 175). Esse processo compreende dois tipos principais: socialização primária e socialização secundária. A socialização primária representa “a primeira experiência de socialização que um indivíduo vivencia na infância” (Berger & Luckmann, 2004, p. 175). E no contexto familiar, desempenha a função de introduzir a criança à realidade social. Os pais e cuidadores atuam como “outros significativos” (Berger & Luckmann, 2004), impondo definições da realidade objetiva. A perspectiva da criança sobre o mundo social é moldada pelas definições fornecidas por esses adultos, incluindo não apenas o aprendizado cognitivo, mas também uma ligação emocional intensa com esses “outros significativos” e os exemplos que eles fornecem. A criança absorve esses papéis e atitudes, internalizando-os e tornando-os parte de sua

própria identidade (p. 176).

A ligação entre a socialização primária e o papel dos pais é necessária para compreender por que a falta de diálogo político em casa pode influenciar consideravelmente o relacionamento posterior dos jovens com a política. Filhos que frequentemente se envolvem em conversas políticas em suas famílias tendem a apresentar um crescimento em seus níveis de consumo de informações noticiosas, obtenção de conhecimento político, desenvolvimento de habilidades de comunicação pública e participação em atividades de serviço comunitário (Rodrigues et al., 2018, p. 4). Se isso não acontece, os pais acabam omitindo uma parte importante da realidade social, o que pode limitar a compreensão e a perspectiva política da criança, deixando uma lacuna em sua socialização e influenciando sua relação com o tema nas fases seguintes da vida. Muitos jovens, por exemplo, optam por discutir política apenas dentro de casa, por considerarem esse ambiente mais seguro para abordar um tema que ainda é distante e visto como assunto de adultos, evitando assim possíveis controvérsias (Brites, 2015, p. 9). Essa porta de comunicação precisa estar desde cedo aberta, porém, um desafio adicional é que o espaço doméstico tornou-se mais fragmentado, com as famílias cada vez mais dispersas. Os jovens muitas vezes se isolam em seus próprios quartos, onde realizam atividades como usar o computador, estudar, assistir televisão e ouvir música, tendência denominada como "cultura do quarto de dormir" (Cardoso et al., 2009, p. 22), e que impacta a comunicação familiar, tradicionalmente vista como essencial para a socialização política (Gurevitch et al., 2009, p. 175). É importante ressaltar que a conduta da família na orientação política dos jovens é significativa, mesmo que o adulto não possa ser visto como o único incentivador da participação (Brites, 2015, p. 29).

### **1.5. Educação cívica pouco presente nas escolas**

A socialização secundária, que pode ser definida como a “aquisição de conhecimento de funções específicas com raiz direta ou indireta na divisão do trabalho” (Berger & Luckmann, 2004, p. 185), ocorre após a socialização primária e é fundamental para o desenvolvimento de um indivíduo na sociedade (p. 175). A escola tem grande responsabilidade na socialização secundária de crianças, adolescentes e jovens, tornando-se um espaço vital na educação cívica diária. No entanto, enfrenta uma série de desafios, incluindo o excesso de informações disponíveis e a falta de estímulo ao pensamento crítico entre os alunos (Eco, 2021, p. 192). O ambiente escolar é muitas vezes percebido como carente no desenvolvimento do conhecimento político e da participação cívica (M. Silva &

Fernandes-Jesus, 2022, p. 5).

A ausência de educação cívica adequada e o incentivo à reflexão podem deixar os jovens sem as habilidades e conhecimentos necessários para participar ativamente na arena política e moldar o futuro do país. E são os próprios jovens em Portugal que questionam por que a escola não promove a participação, a construção de valores democráticos e o debate político (Brites, 2015, p. 199; M. Silva & Fernandes-Jesus, 2022, p. 5). Alguns argumentam que a escola prioriza outras áreas, enquanto outros acreditam que a falta de incentivo é intencional, para assim manter assim o status quo (M. Silva & Fernandes-Jesus, 2022, p. 5). Também é apontado que a escola pode evitar questões ideológicas, embora essa escolha, por si só, seja ideológica (Brites, 2015, p. 30).

Os jovens expressam a necessidade de mais espaços e oportunidades para aprender sobre política e participar ativamente na construção do processo político. E estudos destacam a relação entre a socialização e os padrões de participação política (M. Silva & Fernandes-Jesus, 2022, p. 52). Portanto, é crucial reconhecer o papel significativo de várias fontes de socialização política e valorizar espaços de debate e contestação política no ambiente escolar (Brites, 2015, p. 200).

### **1.6. Comunicação ineficaz quando o assunto é política**

Na passagem da infância para a vida adulta os jovens buscam modelos de consumo noticioso em que sejam respeitados e tratados como adultos (Brites, 2015, p. 197). A televisão continua sendo a fonte de informação política mais utilizada pela população de modo geral (Cardoso et al., 2022, p. 12) e pelos jovens especificamente (Costa, 2022, p. 46). Em seu início, a TV estimulou a profissionalização da política e foi responsável por transferir o debate para a sala de estar das famílias (Gurevitch et al., 2009, p. 166), mas ela também impactou negativamente a política ao apresentá-la de forma mais pessoal e sensacionalista (Jebril et al., 2013, p. 108) e, ao lado dos novos meios de comunicação, dividir a atenção da audiência (Cardoso et al., 2016, p. 7; Gurevitch et al., 2009, p. 166). Ainda assim, Brites (2015) pontua que a TV continua sendo considerada o meio mais democrático de comunicação pelos mais novos, e é um erro dizer que ela não importa pra eles (p. 196).

As notícias sobre política podem aumentar o interesse em participar (Holt et al., 2013, p. 30; Marquart et al., 2020, p. 700) e em Portugal os jovens eleitores que pesquisam informações sobre política ainda fazem-no em fontes tradicionais como o rádio, o jornal ou a TV por considerá-las mais confiáveis (Brites, 2015, p. 8). Ainda assim, entre aqueles com

maior nível de escolaridade, o acompanhamento de notícias tende a ser pelo digital (Sagnier & Morell, 2021, p. 300). Notícias no formato de texto são preferidas por 7 em cada 10 portugueses, porém o vídeo é muito bem-vindo entre a população mais jovem (Cardoso et al., 2022, p. 27). Holt et al. (2013) diz que os jovens usam as redes sociais de forma mais produtiva do que os cidadãos de outras faixas etárias, com efeitos mais positivos sobre a participação política, o que pode equilibrar as diferenças existentes entre gerações distintas (p. 20). Os eleitores de primeira viagem são os mais propensos a receberem informações sobre política através das redes sociais (Ohme et al., 2018, p. 3247). Della Porta (2003) explica que “Os novos meios da era contemporânea aumentam a capacidade dos cidadãos de intervir diretamente no debate político” (p. 111) enquanto Brites (2015) reforça que, em se tratando dos jovens, as ferramentas tecnológicas de comunicação têm o potencial de expandir o conhecimento, empoderando as novas gerações mesmo quando esses meios são usados apenas por diversão (p. 195), mas sugere que os novos media não necessariamente são a solução para superar as barreiras que dificultam o consumo de notícias e/ou a participação, em particular onde já existe defasagem cultural, social e econômica (p. 195). O acesso à internet não é igual para todos e reflete os padrões de desigualdade social experimentados pela sociedade (Gurevitch et al., 2009, p. 174). Em Portugal - e entre os jovens - isso não é diferente (Brites, 2015, p.7).

### **1.7. Crescente desinformação, discursos de ódio e polarização**

E se a comunicação online revolucionou ao conectar as pessoas, a grande quantidade de informação que os indivíduos recebem hoje é muito maior do que aquela que eles são capazes de absorver, sendo variável de pessoa para pessoa e “segundo o seu papel social, de forma não controlável” (Eco, 2021, p. 188,192). Esse excesso pode ser perigoso quanto aquilo em que se pode confiar (Gurevitch et al., 2009, p. 174). A internet dá ao usuário a possibilidade de encontrar informação “personalizada de acordo com as suas características e os seus desejos” (Cardoso et al., 2016), o que acaba por afastar esse mesmo indivíduo da realidade do lado de fora. (p. 5). E mais: graças aos algoritmos e às chamadas *filter bubbles*, ou bolhas de conteúdo, os usuários recebem conteúdos cada vez mais alinhados, para o bem e para o mal, com as crenças e valores que eles já possuem (Gerbaudo, 2018, p. 750; Ohme et al., 2018, p. 3247). Com o advento da internet, o *gatekeeping*, que antes poderia garantir alguma confiabilidade das informações, mesmo que ocasionalmente censurando-as, perdeu parte de sua eficácia. Agora, é o próprio usuário quem pesquisa as informações que deseja

encontrar. No entanto, muitas vezes, esses usuários não têm as habilidades necessárias para validar a fonte de informação e acabam decidindo o que é certo ou errado com base em seus próprios critérios, o que pode levar a uma proliferação de notícias falsas e desinformação (Eco, 2021, p. 187), sendo esse mais um empecilho para a participação.

Os políticos, as instituições políticas e a democracia como um todo não raro são alvos de conteúdos falsos, que vêm se tornando cada vez mais bem elaborados. De acordo com um estudo realizado por Yang & Horning (2020), as notícias falsas são mais facilmente aceitas por pessoas altamente partidárias e por indivíduos com opiniões prévias sobre um assunto. Isso ocorre porque essas pessoas tendem a buscar informações que confirmem suas crenças e, portanto, são mais propensas a aceitar informações falsas que estejam alinhadas com suas opiniões (p. 2). Dificilmente um indivíduo se assume como um consumidor de notícias falsas, permanecendo confiante de que o outro é que pode ser influenciado pela desinformação (Corbu et al., 2020, p. 3; Yang & Horning, 2020, p. 3), o que pode ser considerada uma outra dimensão do Efeito da Terceira (Corbu et al., 2020, p. 3).

A possibilidade do anonimato e da opinião à distância contribuem ainda para a disseminação de discursos de ódio através do ambiente virtual (M. T. da Silva et al., 2021, p. 120). Essas narrativas tendem a afastar os usuários de discussões saudáveis, que poderiam conduzi-los às urnas e ao desejo de votar. Na Europa, o tema recorrente das agressões é a anti-imigração, promovida principalmente por “partidos políticos europeus da direita radical populista e da extrema-direita” (M. T. da Silva et al., 2021, p. 7), ao passo que em Portugal o debate gira em torno de grupos vulneráveis e minoritários no país, como as comunidades ciganas, afrodescendentes, muçulmanos e pessoas LGBTI+ (p. 8). O ambiente online, global e descentralizado, dificulta ainda a responsabilização sobre o que é dito e aumenta o seu impacto sobre as conversas (p. 20).

Por fim, temos a polarização. Yang & Horning (2020) sugere que a exposição a notícias falsas pode aumentar a polarização política, reforçando as crenças existentes e afastando as pessoas de pontos de vista opostos (p. 2). Entretanto, os veículos de notícias são percebidos em Portugal como com visões políticas parecidas entre si (Cardoso et al., 2022, p. 60). De igual maneira, o nível de polarização percebido pela sociedade é tido como baixo, se comparado a outros países avaliados (Cardoso et al., 2022, p. 18), mas isso não necessariamente significa que os jovens portugueses se sintam totalmente confortáveis em debater sobre política no ambiente virtual.

## **1.8. Mudança para formas não convencionais de participação**

Se é a partir das eleições que são escolhidos aqueles que estarão à frente do poder em um processo democrático, e que muitos dos estudos sobre participação inicialmente estivessem diretamente ligados à votação (Della Porta, 2003, p. 92), outras formas de atuar politicamente estão cada vez mais presentes na vida dos cidadãos (Hupe & Edwards, 2012, p. 177; Kaase, 2009, p. 10; Norris, 1999, p. 5) e, muitas vezes, elas acabam substituindo na vida dos jovens os canais de participação convencionais (P. Silva et al., 2022, p. 5). Cada geração tem sua forma própria de se envolver e os millenials tendem a se interessar pelo engajamento online (Peacock & Leavitt, 2016, p. 1). Não é fácil determinar o que não é participação política (Brites, 2015, p. 16). M. Silva & Fernandes-Jesus (2022) traz, na verdade, uma ideia de participação “não-dicotômica” e que englobe “diferentes níveis de envolvimento e formas de participação” (p. 51). Os novíssimos movimentos sociais, por exemplo, extrapolam as barreiras entre o físico e o virtual (Feixa et al., 2009, p. 426) e, para além de intergeracionais, são marcados pelo protagonismo dos jovens (p. 428), pelo contexto da globalização econômica e política e pelo fato de estarem hoje conectados em rede, o que contribuiu para a expansão dos próprios movimentos (p. 437).

O ativismo em Portugal não nasceu com a democracia. Na verdade, o PREC - Processo Revolucionário em Curso, entre o 25 de abril de 1974 e o 25 de novembro de 1975, foi um período caracterizado, segundo Carmo & Simões (2020)(2020) por “grandes mobilizações sociais, radicalização, conflitos entre atores políticos opositores, golpes e contragolpes, e uma profunda redefinição das forças sociais e políticas (p. 119). Durante o PREC, houve uma intensa participação cidadã, tanto em canais institucionais quanto em formas não convencionais, impulsionada pela esperança de mudanças, desempenhando um papel crucial na formação da atual democracia em Portugal (p. 119).

Nos anos 90, durante o período da "Geração Rasca", o ativismo juvenil focou principalmente na busca por melhores condições educacionais e na oposição ao aumento das propinas universitárias (Carmo & Simões, 2020, p. 127). Ao longo dos anos também, ocorreram em Portugal algumas tentativas fracassadas de minimizar o impacto da Revolução de 1974, em especial nas comemorações de seu 30º aniversário. Mas o 25 de abril continuou a ser um marco importante, inclusive para os jovens (p. 130). Em 2011, o movimento "Geração à Rasca", nome inspirado no movimento da década de 90, concentrou-se em questões nacionais, embora tenha sido influenciado por tendências externas. Isso contrastou com a Espanha, onde a transição democrática buscou romper com o passado (p. 127). Essa

participação não convencional cresceu no combate às medidas de austeridade, sendo de grande importância para o momento vivido pelo país e contando com a participação não só de movimentos sociais, sindicatos e partidos políticos, como valendo-se de diferentes plataformas para alcançar o público (p. 214). A satisfação com a democracia atingiu à época “o menor nível jamais registrado” (de Sousa et al., 2014 como citado em Lisi et al., 2020). Houve ainda a queda na participação política convencional, enquanto outras formas de participação não convencionais cresceram (p. 52).

Hoje, existem outras maneiras pelas quais os jovens portugueses participam, tais como: “Dar dinheiro ou recolher fundos para uma atividade social, cívica ou política”; “Fazer voluntariado”; “Boicotar ou comprar certos produtos por razões políticas ou para favorecer o meio-ambiente”; “Assinar uma petição”; “Participar num fórum ou grupo de discussão política na internet”; “Publicar, comentar ou partilhar conteúdos sobre questões políticas ou sociais em websites ou redes sociais” (Costa, 2022, p. 45). Entre os entrevistados da pesquisa realizada por Sagnier & Morell (2021), também foram identificados resultados semelhantes (p. 294). Assinar uma petição, fazer boicote ou comprar certos produtos por razões políticas ou para favorecer o ambiente, colaborar com organizações/associações de voluntariado, colaborar com uma associação juvenil ou estudantil e participar numa manifestação são as ações mais comuns das quais os jovens portugueses participaram recentemente, sendo que 35% dos jovens entrevistados não participam de nenhuma ação social ou política, 29% de pelo menos uma por ano e 36 % têm como costume participar em mais do que uma destas ações por ano (Sagnier & Morell, 2021, p. 294). O movimento em direção a outros moldes de participação se dá tanto pelo sentimento de injustiça em relação aos próprios jovens quanto a situações vividas por pessoas que convivem com eles no dia a dia (M. Silva & Fernandes-Jesus, 2022, p. 51). Porém, a “individualização”, o “comodismo” e barreiras relacionadas à geografia, idade, gênero ou classe social afetam a participação política num sentido mais amplo (p. 52).

### **1.9. Preferência pela participação à distância**

Com a Internet, novas formas de engajamento surgiram, ampliando o repertório participativo do cidadão comum. O “Clickativismo” (Halupka, 2016), caracterizado pela participação política essencialmente online, tem crescido entre as novas gerações. Mas essa forma simples de atuar, ao alcance de um clique, como na assinatura de petições, é por vezes criticada, no sentido de que se trata de um ativismo “fácil”, “preguiçoso” e mesmo “limitado”

e que “prejudica o desejo e a necessidade de um indivíduo de participar de formas tradicionais de engajamento” (p. 2). Isso muitas vezes acontece porque quem participa online acha que já fez a sua parte, que contribuiu o suficiente para causar impacto (Marquart et al., 2020, p. 701).

Falando especificamente dos jovens portugueses, aqueles com idade entre 15 e 24 anos tendem a atuar politicamente mais de maneira individual e online, do que de forma coletiva e através do voto. Para eles, o voto é importante, ainda que seu efeito sobre a vida das pessoas sofra de algum descrédito. Mas muitos realmente acreditam que o ativismo pela internet pode tornar as pessoas mais acomodadas, não convertendo a atitude das pessoas nas redes sociais em ações concretas (Costa, 2022, p. 45), podendo até mesmo levar à “desvinculação com as causas” (M. Silva & Fernandes-Jesus, 2022, p. 5). Na outra ponta, Halupka (2016), considera que há uma falta de visão sobre o que o Clickativismo efetivamente representa, já que mesmo um “ato político” que demande pouco esforço por parte do indivíduo, tem seu valor e exige de nós um outro olhar sobre o que é ser político e sobre a participação política em si (p. 3). O autor explica ainda que o digital vem transformando o cidadão, tornando-o mais reflexivo e com condições de manifestar sua indignação e agir, mesmo sozinho (p. 3).

A internet dá voz ao jovens, que com seus telemóveis tem feito a diferença na agenda política em vários países (Carmo & Simões, 2020, p. 180), e diferentes estudos apontam que a participação offline muitas vezes começa justamente no digital (M. Silva & Fernandes-Jesus, 2022, p. 51). Brites (2015) destaca a diversidade de cenários sociais, culturais e econômicos entre os jovens, ressaltando múltiplas oportunidades para intervir e aumentar o envolvimento e participação (p. 200), mas ao mesmo tempo questiona discursos excessivamente otimistas que veem a internet como uma solução universal para todos os problemas, ressaltando que “Num tempo em que ser jovem é encarado como sinônimo de digital, são a escola e a família que se sobrepõem em termos de alavancas de participação”(p. 198).

## **1.10. Precariedade que limita o envolvimento**

E o que eles querem? Os jovens com maior nível de escolaridade são ainda os mais preocupados com questões ambientais e mais propensos a terem comportamentos que contribuem com o meio ambiente (Sagnier & Morell, 2021, p. 19). Mais recentemente, a sociedade portuguesa viu surgirem movimentos relacionados à habitação e à anti-

gentrificação, assim como a volta dos conflitos trabalhistas (Lisi et al., 2020, p. 63). Considerada a mais preparada desde sempre em Portugal, a atual geração é a mais penalizada pelas condições de trabalho no país (Sagnier & Morell, 2021, p. 23) e a mais propensa a aceitar essas condições, particularmente diante dos impactos de uma crise econômica (Carmo & Simões, 2020, p. 13). A precariedade do trabalho, na verdade, é uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos jovens e pode até mesmo prejudicar o engajamento, deixando-os sem ação (Carmo & Simões, 2020, p. 29). De fato, essa precariedade, muitas vezes considerada como ‘normal’ pelas pessoas, (Carmo & Simões, 2020) pode desencorajar a luta por algo melhor (p. 28,50).

### **1.11. E ser jovem é ser alienado?**

A desilusão com a política como um ambiente corrompido tem tido um impacto negativo na participação dos jovens na arena política. Além disso, a falta de alinhamento entre as propostas dos partidos e os interesses dos jovens, bem como a comunicação ineficaz dessas propostas, podem aumentar a apatia política da juventude (P. Silva et al., 2022, p. 5). De qualquer maneira, a reduzida participação política nos meios formais não necessariamente reflete uma indiferença por parte dos jovens (Loukakis & Portos, 2020, p. 673). A alienação ocorre em relação à “maquinaria democrática” e não aos “princípios democráticos” (P. Silva et al., 2022, p. 4). Carmo & Simões (2020) recorda que a visão de que os jovens são apáticos é apoiada por diferentes estudos mas, na prática, nem todos os jovens são assim, e os autores trazem como exemplos os movimentos dos “Precários Inflexíveis” e o “Que se Lixe a Troika” e a luta deles pelos direitos dos trabalhadores (p. 54) durante o ciclo global de protestos entre os anos de 2011 e 2013, quando Portugal foi um dos países mais ativos e os jovens tiveram papel fundamental nas mobilizações (Lisi et al., 2020, p. 6), ainda que esses grupos não representem a média do todo (Carmo & Simões, 2020, p. 69). De todo modo, o interesse dos mais novos pela política pode aumentar na medida em que crescem as responsabilidades (Brites, 2015, p. 9).

M. Silva & Fernandes-Jesus (2022) referem que o conceito de participação vem sendo alargado por aqueles que estudam a participação política dos jovens, sendo agora mais comumente chamada de “participação cívica e política” (p. 7). Também preconiza que a participação do jovem se dá em grupos “menos hierarquizados” e “mais transitórios do que as estruturas tradicionais da participação política” (p. 7), entendimento semelhante ao de (Carmo & Simões, 2020, p. 182). Brites (2015) diz que é preciso levar em consideração que

os jovens nem sempre se sentem capazes de atuarem no mundo dos adultos, o que não quer dizer que sejam apáticos. E que essa mudança pode acontecer a partir do incentivo à “participação e partilha”(p. 195).

### **1.12. Por que o voto do jovem é tão importante?**

A legitimação da democracia passa pelo voto (Della Porta, 2003, p. 86; Kaase, 2009, p. 4). Mas a baixa ou nenhuma participação dos jovens é vista como uma ameaça à democracia por alguns autores, como apontam Lisi et al. (2020, p. 88) e M. Silva & Fernandes-Jesus (2022, p. 6), e há quem perceba o momento como consequência de uma “mudança de valor intergeracional” (Lisi et al., 2020, p. 88). Isso não necessariamente significa que eles estejam mais distantes da política”, mas sim buscando outros formatos de atuação (Lisi et al., 2020, p. 88). Para muitos deles, aliás, o dia a dia por si só já é “uma experiência inevitavelmente política” (M. Silva & Fernandes-Jesus, 2022, p. 51).

Devido à sua alta competência digital e habilidades em tecnologia da informação, os jovens possuem um potencial significativo para pressionar políticos a atenderem suas demandas e necessidades (Mazzoleni, 2020, p. 443). A baixa presença deles nas urnas pode levar determinados grupos a serem sub representados e ignorados pelos políticos, que normalmente vão atrás daqueles que votam (Cunha & Rios, 2021, p. 3). Ao não participarem, os mais novos continuam a viver contextos que dizem respeito menos a eles e mais aos adultos (Hill, Davis, Prout & Tisdall, 2004 como citado em Brites, 2015, p. 29). Além disso, votar é um hábito que se constrói e os fatores psicológicos que levam o indivíduo a votar persistem ao longo do tempo e de várias eleições (Gerber et al., 2003, p. 540). O contrário também é verdade e, ao se abster uma vez, há uma chance maior de que essa pessoa não compareça às urnas no futuro, principalmente a curto prazo (p. 549). Brites (2015) assinala que o hábito de votar leva à continuidade (p. 9). E conforme Ohme et al. (2018), votar é uma habilidade que precisa ser aprendida e esse aprendizado traz um sentimento de eficácia que, por sua vez, aumenta o desejo em votar novamente (p. 3249).

## **2. DEFINIÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS**

Na prática, nem todos os jovens se abstêm de votar. Mas por que existem aqueles que ainda escolhem participar dessa etapa do processo democrático diante de tantas aparentes razões no sentido contrário? E se muitos jovens encontram em outros modelos de participação política, cívica ou social caminhos mais acessíveis para lutarem por seus direitos ou simplesmente para a promoção de um mundo melhor, como apontado por estudos anteriores, por que alguns deles mesmo assim vão votar, ainda que isso não seja obrigatório em Portugal? Tendo esses pontos como guia, foi levantada a seguinte questão de pesquisa:

‘Que interações sociais promovem a participação eleitoral dos jovens portugueses?’

O objetivo deste estudo é contribuir no desenvolvimento de ações que incentivem os jovens em Portugal a participarem do processo eleitoral, não com base naquilo que os afasta das eleições, mas no que o aproxima do processo democrático.

### **2.1. Hipóteses**

Cada uma das hipóteses a seguir será analisada considerando os conceitos e autores relacionados para entender o impacto da socialização, educação cívica, ativismo, comunicação e percepção democrática na participação política dos jovens.

**H1: O interesse do jovem pelo voto nasce de sua socialização política primária, por meio da família.**

- Socialização primária (Berger & Luckmann, 2004)
- Debate sobre política em família (Brites, 2015; M. T. da Silva et al., 2021)
- Dispersão do diálogo no contexto familiar (Cardoso et al., 2009; Gurevitch et al., 2009)

**H2: O interesse pelo jovem caminha junto com a sua socialização política secundária, a partir da escola e do relacionamento com os pares.**

- Socialização secundária (Berger & Luckmann, 2004)
- Participação política convencional (Brites, 2015; M. Silva & Fernandes-Jesus, 2022)
- Literacia (Brites, 2015; M. Silva & Fernandes-Jesus, 2022)

**H3: O ativismo e outras formas de mobilização, pelo contrário, aumentam o interesse do jovem pela política ao invés de diminuir.**

- Participação política não convencional (Della Porta, 2003; Hupe & Edwards, 2012; P. Silva et al., 2022)
- Engajamento (Hupe & Edwards, 2012; Peacock & Leavitt, 2016)
- Movimentos cívicos em Portugal (Brites, 2015; Carmo & Simões, 2020; Costa, 2022; Sagnier & Morell, 2021)

**H4: Os jovens acreditam na democracia, apesar do ceticismo generalizado, do aumento da abstenção eleitoral entre os mais jovens e das teorias que apontam para uma crise do sistema democrático.**

- Crise democrática (Kaase, 2009; Lisi et al., 2020; Norris, 1999)
- Representatividade (Costa, 2022; Hupe & Edwards, 2012; M. Silva & Fernandes-Jesus, 2022; P. Silva et al., 2022)
- Apatia política (Brites, 2015; Carmo & Simões, 2020; M. Silva & Fernandes-Jesus, 2022)
- Importância do voto (Lisi et al., 2020; Loukakis & Portos, 2020; Ohme et al., 2018)

**H5: A comunicação é importante para informar sobre política e envolver o jovem e fomentar sua participação.**

- Consumo noticioso (Cardoso et al., 2009, 2022; Gurevitch et al., 2009)
- Os jovens e os novos media (Brites, 2015; Cardoso et al., 2009)
- Desafios do ambiente virtual (M. T. da Silva et al., 2021; Yang & Horning, 2020)

### **3. PLANO DE INVESTIGAÇÃO E MÉTODOS**

Este projeto foi orientado pela dúvida inicial sobre até que medida a comunicação social desempenha um papel na promoção da participação política convencional, nomeadamente por meio do voto, entre os jovens.

#### **3.1. Objeto de estudo**

A investigação contemplou indivíduos entre 18 e 24 anos, de ambos os sexos. O limite superior de 24 anos foi baseado na categorização já verificada em outros estudos (Magalhães, 2022, p. 3) para a faixa etária considerada como ‘jovem’, nomeadamente dos 15 aos 24 anos, sendo que a partir desta idade temos os chamados ‘jovens adultos’. Por outro lado, a escolha da idade mínima, de 18 anos, está alinhada com a legislação que autoriza o voto em Portugal, e para participar deste estudo os entrevistados precisavam ter votado pelo menos uma vez no país desde que obtiveram essa permissão.

#### **3.2. Análise documental**

Uma etapa necessária para a concretização foi a realização de uma análise documental prévia às entrevistas e seus desdobramentos. Esse processo teve como objetivo explorar a literatura existente acerca da percepção da população de Portugal, incluindo os jovens, sobre temas políticos, o papel do voto como meio de participação e os fatores que influenciam a abstenção entre os jovens. Nesse sentido, foram examinadas fontes que abordavam esses aspectos, visando uma compreensão aprofundada do contexto. Com base na compilação dessa literatura, foram então formuladas hipóteses prévias, seguindo a abordagem proposta por Boudon et al. (1990) de desenvolver suposições a priori quando informações relevantes já estão disponíveis(p. 42). Essas hipóteses forneceram o embasamento para orientar a escolha do método de pesquisa a ser adotado, direcionando o processo investigativo de maneira mais precisa e eficaz.

#### **3.3. Escolha do método**

Os métodos quantitativos possuem uma característica fundamental: eles presumem uma população de objetos de observação comparáveis entre si. No entanto, quando se trata de realizar uma análise qualitativa, que não apenas considera os indivíduos, mas também os diversos contextos que os cercam, o desafio é que os custos podem rapidamente se tornar

proibitivos (Boudon et al., 1990, p. 93). Isso se tornaria particularmente evidente durante a tentativa de construir uma amostra representativa dos jovens portugueses com capacidade de voto. Outra delimitação foi a escolha de estudar especialmente os jovens ativistas, buscando compreender se esse tipo de envolvimento poderia, de alguma forma, diminuir o interesse desses potenciais eleitores pelo processo eleitoral, caso considerassem já ter feito a sua parte.

Mais adiante, a amostra foi ampliada para incluir participantes envolvidos em outras formas de engajamento político, cívico ou social, uma vez que essa visão mais abrangente sobre a participação política foi identificada na revisão da literatura. Por fim, havia a necessidade de compreender os efeitos da comunicação na motivação dos jovens para votar. Boudon et al. (1990) aponta para uma realidade na qual os métodos quantitativos encontram uma limitação, cuja fronteira não é facilmente definida com precisão, dadas as atuais circunstâncias da sociologia (p. 94). Diante desse complexo cenário, a alternativa de fato foi substituir a abordagem quantitativa por uma qualitativa, focando em um grupo menor e mais específico de participantes para abordar a relação entre comunicação e participação.

### **3.4. Estrutura do guião**

Flick & Parreira (2005) sugerem a abordagem da entrevista semiestruturada quando o foco da coleta de dados for obter "afirmações concretas sobre um tema" (p. 95). Além disso, a fluidez com que as perspectivas dos participantes podem ser comunicadas em um ambiente de entrevista aberto é maior, em contraste com uma entrevista estruturada ou um questionário padronizado. O tipo escolhido de entrevista semiestruturada para a investigação foi a da entrevista centrada no problema. Foi então utilizado um guião com "perguntas específicas e estímulos narrativos" (p. 87) com o intuito de coletar dados biográficos, concentrando-se em um problema específico. Esse modelo é particularmente atrativo para iniciantes na pesquisa qualitativa (p. 89) e, se uma pergunta já foi respondida de maneira breve e casual, pode ser deixada de lado, cabendo ao entrevistador decidir se solicita mais detalhes baseado no entendimento do que já foi dito e em sua relevância para o problema analisado (p. 94). Ainda segundo os autores, o guião da entrevista deve ser moldado para seguir "o fio da narrativa do entrevistado" (p. 89). No entanto, também serve como base para reposicionar a entrevista se a conversa estagnar ou o tema não renda resultados (p. 89).

Com 10 perguntas principais, o guião se subdividia a partir das estratégias para a entrevista centrada no problema, com questões para conduzir o início da conversa, as intervenções genéricas, intervenções específicas e questões ad hoc, formuladas de acordo

com o contexto ou as respostas do entrevistado (Flick & Parreira, 2005, p. 89). Por meio delas, explorou-se, entre outros aspectos, o papel desempenhado pela família, escola, amigos, sociedade e, especialmente, pela comunicação política, incluindo campanhas institucionais, propaganda partidária e notícias políticas, enquanto motores para o voto. Além disso, visava-se compreender as opiniões dos jovens sobre política e democracia.

### **3.5. Seleção dos entrevistados**

A escolha dos entrevistados foi gradual. Inicialmente, foi feito contato com diversos coletivos, associações e ONGs de várias regiões do país por e-mail, solicitando recomendações de possíveis participantes para o estudo. Esse método resultou em alguns retornos positivos. Um coletivo sugeriu que a entrevistadora participasse de suas reuniões para melhor compreender o funcionamento interno e conhecer pessoalmente possíveis entrevistados, resultando em mais uma participante para o estudo. A visita a um encontro de diferentes movimentos cívicos resultou em mais um contato para a participação no estudo. Mas diante da dificuldade em conseguir novos participantes por meio dos coletivos e associações contactados, devido principalmente à escassez de membros na faixa etária especificada, optou-se pela aplicação da amostragem do tipo 'bola de neve'. Esse método flexível envolve a seleção de participantes iniciais que, por sua vez, indicam outros participantes, em um processo que pode ser repetido em múltiplas etapas (Audemard, 2020, p. 32). A abordagem destaca-se pela sua utilidade quando se trabalha com populações cujas dimensões são desconhecidas, superando, assim, as limitações dos métodos tradicionais de amostragem (Handcock & Gile, 2011, p. 2). Além disso, demonstra seu valor em pesquisas qualitativas que priorizam a análise das interações sociais entre os participantes (Audemard, 2020, p. 33). No entanto, esse método também enfrenta desafios, incluindo a ausência de uma amostra inicial que seja representativa, e a não aleatoriedade na seleção de novos respondentes (p. 34). Com o intuito de aprimorar a validade da pesquisa que, a solução encontrada foi formar uma amostra que fosse "sociologicamente diversa" (p. 34), com participantes vindos de ações políticas, cívicas ou sociais distintas. Como resultado, foram 12 os jovens recrutados. E embora a amostra não seja estritamente representativa, ela engloba uma variedade de perfis (Handcock & Gile, 2011, p. 2), tendo o uso do método 'bola de neve' se mostrado uma abordagem eficaz para obter insights valiosos nesta pesquisa.

### **3.6. Recolha dos dados**

As entrevistas ocorreram em julho de 2023, no formato online, através da plataforma Zoom. A duração média das conversas foi de 15 minutos, sendo todas conduzidas de forma individual e agendadas de acordo com a disponibilidade de cada entrevistado e principalmente durante o período diurno. Os participantes receberam informações prévias sobre o contexto do estudo, porém não tiveram acesso ao guião das perguntas que, embora tivessem uma ordem seguida inicialmente, eram reorganizadas conforme as respostas dos entrevistados. A gravação de áudio e vídeo foi adotada durante as entrevistas para garantir uma contextualização mais precisa das afirmações, sendo uma prática comum em entrevistas semiestruturadas (Flick & Parreira, 2005, p. 91). Antes da gravação, os entrevistados foram esclarecidos sobre a finalidade da gravação, além de como se traria o tratamento de seus dados pessoais, incluindo a anonimização posterior dessas informações, de acordo com a RGPD ou Regulação Geral de Proteção de Dados. É comum após explicar o propósito da gravação, os entrevistadores busquem uma atmosfera onde os entrevistados se sintam à vontade e a conversa flua de maneira natural (Flick & Parreira, 2005, p. 170). Mas a familiaridade dos jovens com as tecnologias como as videoconferências pode ter facilitado esse processo, resultando em falas espontâneas e fluentes.

### **3.7. Transcrição dos dados**

As conversas foram posteriormente transcritas por meio da ferramenta Transkriptor. Ao lidar com a transcrição, foi seguida a orientação de Flick & Parreira (2005) sobre evitar padrões de exatidão excessiva nos dados transcritos, exceto em situações especiais, já que uma transcrição minuciosa demanda "tempo e energia que poderiam ser direcionados para a interpretação" (p. 170). Além disso, muitas vezes, a transcrição pode obscurecer mais a mensagem e o significado do que revelar, devido à distinção entre a transcrição e a compreensão da mensagem original (p. 170), o que também justificou o enfoque na essência das falas, deixando-se de lado eventuais falhas e repetições que não comprometiam a compreensão dos conteúdos.

### **3.8. Redução e análise**

Albarello et al. (2005) define a redução como o processo de "seleção, foco, simplificação, abstração e transformação do material coletado" (p. 123). Para categorizar os dados textuais, utilizou-se o software MaxQDA. A essência da análise qualitativa de materiais de entrevistas reside na operação intelectual central de identificação de 'categorias',

ou seja, agrupamentos relevantes de objetos, ações, indivíduos ou eventos e o propósito é estabelecer um sistema ou conjunto de interações entre essas categorias (Albarello et al., 2005, p. 117). Neste estudo, a questão a ser analisada já havia sido previamente definida, pautada em pesquisas anteriores na área e subdividida em subquestões (Flick & Parreira, 2005, p. 193). A técnica escolhida então foi a de análise de conteúdo sintetizadora, que envolveu a organização das informações em um primeiro e segundo nível de redução, unidade de codificação, unidade de contexto e unidades de análise (Flick & Parreira, 2005, p. 194). Como exemplo, tivemos no primeiro nível a pergunta: 'quais são as motivações dos jovens portugueses para votar?'. No segundo nível: 'Por que votaram/votam?'. Como unidade de codificação: 'voz' ou 'expressão'. Em unidade de contexto: 'forma de ter a voz ouvida' ou 'meio de expressar o que queremos'. A unidade de análise consistiu nos trechos das respostas dos entrevistados relacionados à percepção do voto como expressão ou meio de dar voz às pessoas. "Cada pesquisador tende a desenvolver seu próprio método, de acordo com o objeto de estudo, objetivos e pressupostos teóricos" (Albarello et al., 2005). Isso resulta em diversidade nos métodos e procedimentos, destacando-se a importância do constante movimento entre hipóteses iniciais, seleção e tratamento dos dados, especialmente na análise qualitativa orientada de forma exploratória (p. 117).

## **4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

### **4.1. Caracterização dos entrevistados**

Dos 12 jovens entrevistados (Tabela 1), dois tinham 20 anos, três tinham 21, quatro estavam com 22 anos à época das entrevistas e três tinham 24 anos. Seis eram do gênero masculino seis do gênero feminino. A maioria mora atualmente em Lisboa, dois no Porto, um em Setúbal e outro em Mafra. Em termos do nível de escolaridade, metade dos participantes cursavam a Licenciatura, cinco deles o Mestrado e um a Pós-graduação. Quanto ao tipo de atuação política, cívica e/ou social e sete atuavam em prol de causas distintas em coletivos, três estão ou estiveram envolvidos com voluntariado. Apenas um era membro de uma Assembleia de Freguesia e um era filiado a uma Juventude Partidária.

**Quadro 1**

*Caracterização dos entrevistados*

Jovem	Idade	Gênero	Morada	Escolaridade	Participação
e1.	22	Fem.	Porto	Mestrado	Ativismo
e2.	24	Fem.	Lisboa	Mestrado	Voluntariado
e3.	20	Fem.	Lisboa	Licenciatura	Voluntariado
e4.	22	Mas.	Lisboa	Mestrado	Ativismo
e5.	24	Mas.	Mafra	Licenciatura	JP
e6.	21	Fem.	Lisboa	Licenciatura	Ativismo
e7.	24	Mas.	Setúbal	Mestrado	Ativismo
e8.	20	Mas.	Lisboa	Licenciatura	Assem.Freguesia
e9.	22	Mas.	Lisboa	Licenciatura	Ativismo
e10.	21	Fem.	Lisboa	Licenciatura	Ativismo
e11.	21	Fem.	Porto	Pós-graduação	Ativismo
e12.	22	Mas.	Lisboa	Mestrado	Voluntariado

*Quadro 1*

Quando questionados sobre a existência de obstáculos que dificultaram em algum momento a participação deles nas ações mencionadas, três jovens que anteriormente residiam em Aveiro, Lousã e Viseu apontaram a escassez de opções em suas cidades. Além disso, foram identificadas entre os demais enquadrados outras barreiras para a manutenção do engajamento a longo prazo, incluindo a pouca idade, a falta de tempo disponível para

dedicação ou a dificuldade de se integrar aos movimentos devido a divergências em relação à organização ou perspectivas das pessoas envolvidas.

#### **4.2. Comportamentos políticos: Por que os jovens votam?**

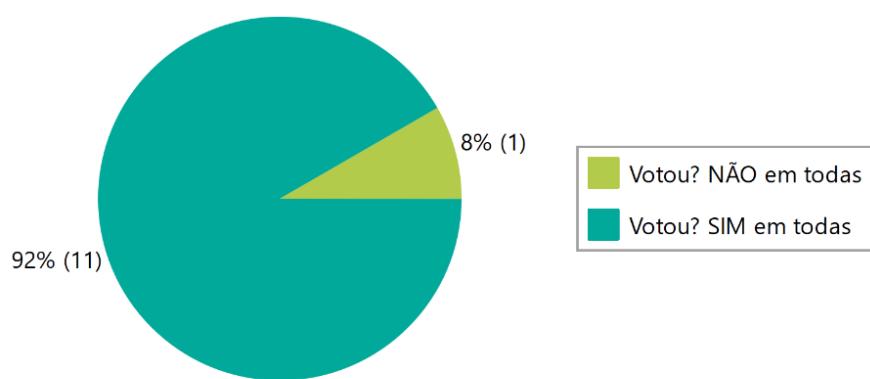
92% dos jovens referiram ter votado em todas as eleições que aconteceram desde que fizeram 18 anos (Figura 1). Apenas uma inquirida disse que não compareceu às urnas, durante as parlamentares de 2019, devido ao Erasmus.

Sobre ‘Por que vota/votou?’ (Tabela 2), das 36 codificações feitas, resultando em 17 códigos, as respostas espontâneas giraram em torno de ‘ser um direito e/ou um dever’, com 27,78% das menções, ‘querer ser parte decisão’ (11,11%), porque ‘em casa todo mundo sempre votou’ (11,11%), ‘nossa vida é decidida pela política’ (8,33%) e ‘já tinha interesse em política’ (8,33%). Entre os fatores restantes estavam: ‘o voto é uma ferramenta de mudança’, ‘é simples votar’, “é uma das formas mais importantes de participação”, ‘gosto de votar’, ‘para apoiar a um candidato específico’, ‘se não for outra pessoa irá votar no meu lugar’, “está tudo interligado”, ‘fiz 18 anos’, ‘é um privilégio votar’, ‘para que não ganhasse a extrema direita’, “interesse prévio em uma causa” e a ‘possibilidade de minha voz ser ouvida’, tendo essas razões sido citadas uma vez (2,78%) cada.

**Figura 1**

*Participação em eleições desde a maioridade*

Pergunta: Votou em todas as eleições desde os 18 anos?



*Figura 1*

## Quadro 2

*Por que vota/votou?*

Códigos	Segmentos	Porcentagem
É um direito e/ou um dever	10	27,78
Em casa todo mundo sempre votou	4	11,11
Ser parte decisão   Impactar agenda política	4	11,11
Já tinha interesse em política	3	8,33
Nossa vida é decidida pela política   decidem por nós	3	8,33
Possibilidade de nossa voz ser ouvida	1	2,78
Para que não ganhasse outro partido (extrema direita)	1	2,78
É um privilégio poder votar	1	2,78
Porque fiz 18 anos.	1	2,78
Está tudo interligado	1	2,78
Se eu não votar alguém vota por mim	1	2,78
Gosto/ apoio o(a) candidato(a)	1	2,78
Gosto de votar	1	2,78
Das + Importantes formas de participação política	1	2,78
É simples votar	1	2,78
Voto é uma ferramenta de mudança	1	2,78
Interesse numa causa	1	2,78
<b>TOTAL</b>	<b>36</b>	<b>100,00</b>

*Quadro 2*

Outra questão foi se algo exerceu influência (Tabela 3), e de que maneira ao longo do tempo, no desenvolvimento do interesse em política, especialmente em relação ao ato de votar. Nesse quesito foram codificadas 26 respostas e gerados 7 códigos. 10 (38,46%) das menções diziam respeito à ‘Família’. A ‘Escola’ representou 5 (19,23%) das codificações e 3 dos inquiridos lembraram-se especificamente dos professores que tiveram o papel de promover a reflexão sobre política em sala de aula, o que foi essencial para despertar neles o senso de dever cívico por meio das urnas.

A influência dos pares, nomeadamente os ‘Amigos’, também existiu, empatando em número de codificações com o quesito anterior, mas bem menos do que a família, tendo sido codificada 5 (19,23%) vezes. 3 (11,54%) codificações apontavam para o aumento da extrema

direita no país, tendo esses jovens mencionado uma maior atenção dada à política e necessidade de participar por conta disso.

O contato prévio com o ‘Ativismo’ foi codificado uma (3,85%) vez, assim como a ‘Comunicação’, englobando campanhas institucionais e campanhas de candidatos e/ou de partidos, e a crise ‘Crise econômica’ à época da infância de um dos inquiridos, o que acabou por a longo prazo afetar o interesse dele pelo que acontecia no país.

### Quadro 3

*O que te influencia ou influenciou?*

Códigos	Segmentos	Porcentagem
Família	10	38,46
Escola	5	19,23
Amigos	5	19,23
Aumento extrema direita	3	11,54
Comunicação	1	3,85
Economia do país	1	3,85
Fazer ativismo	1	3,85
<b>TOTAL</b>	<b>26</b>	<b>100,00</b>

*Quadro 3*

E como a família influenciou? Essa pergunta era feita na medida em que os participantes do estudo naturalmente mencionavam os efeitos do convívio familiar na visão deles sobre política.

As respostas também foram codificadas (Tabela 4), totalizando 14 resultados, distribuídos em 9 códigos e, como pode ser verificado a seguir, a relevância dada pela família ao ritual em torno do voto fez diferença para os inquiridos e os códigos ‘Todos votavam em casa’ (28,57%), ‘ia votar os meus pais’ (14,29%) e ‘Era o compromisso do dia’ (14,29%) foram predominantes.

## Quatro 4

*Como a família influenciou?*

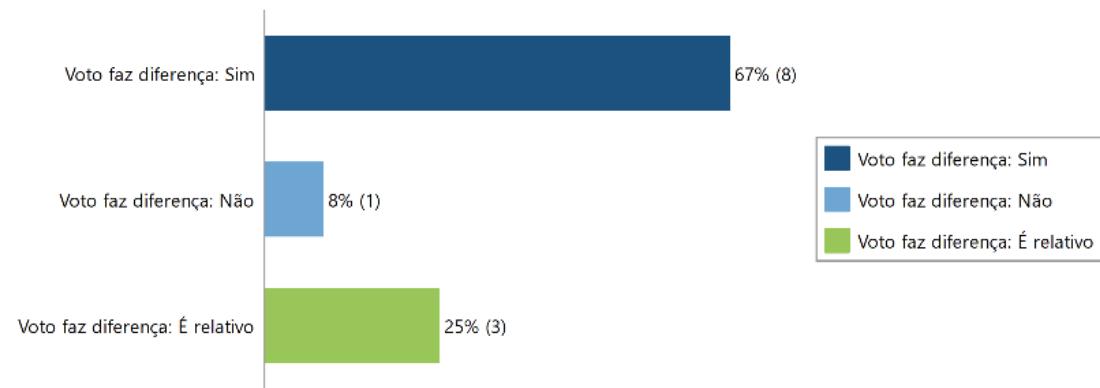
Códigos	Segmentos	Porcentagem
Todos votavam em casa	4	28,57
Ia votar com os meus pais	2	14,29
Era o compromisso do dia	2	14,29
Havia militantes de partidos na família	1	7,14
O voto era algo valorizado	1	7,14
A família era de esquerda	1	7,14
Disseram que era para ir votar quando fiz 18	1	7,14
Ensinaram-me porque votamos	1	7,14
Família incentivou a saber mais sobre política	1	7,14
<b>TOTAL</b>	<b>14</b>	<b>100,00</b>

*Quadro 4*

Seu voto faz diferença? Conforme observado no Figura 2, foram 8 (66,67%) dos entrevistados os que disseram que ‘sim’.

## Figura 2

*Seu voto faz diferença?*



*Figura 2*

Quando codificados os motivos, 8 diferentes códigos foram encontrados e cada um foi citado uma vez: ‘é uma questão de princípio’, ‘poderia ser o voto de desempate’, ‘não é só o voto pelo voto’, ‘seria uma influência negativa no círculo de amigos’, ‘faz diferença para os partidos pequenos’, ‘se todos pensarem assim não há democracia’, ‘é importante haver um engajamento mínimo’ e ‘seria uma oportunidade desperdiçada’.

Um inquirido (8,33%) respondeu ‘não’ e que ‘faria diferença (apenas) se toda a gente votasse’. 25% dos entrevistados disseram que ‘é relativo’ porque “para eleger um partido pequeno, sim; para impactar as políticas governativas, não”, ‘sendo racional não faz muita diferença’ e ‘enquanto exercício de um direito sim, para decidir quem ganha não’.

#### **4.3. Comportamentos políticos: por onde informam-se sobre política?**

Diante da pergunta sobre se a comunicação influencia não quanto a em quem eles escolhem votar, mas no desejo propriamente dito de comparecer às urnas, 6 (50%) entrevistados responderam que sim. Ao serem questionados sobre como se dá essa influência (Tabela 5), apenas uma das respostas codificadas (16,67%) em 3 códigos, indicou que era ‘por meio de campanhas de incentivo para ir votar’. O código predominante (66,67%) foi o de que a comunicação despertou a vontade de ir votar ‘ao mostrar que havia algo de errado/era preciso agir’. Houve apenas uma codificação (16,67%) para ‘a partir do envolvimento que gera com a política’. Na outra ponta, em 6 (50%) de 12 codificações as respostas foram negativas quanto a campanhas ou notícias sobre política terem impacto na intenção de votar, pois os entrevistados já desejavam fazê-lo por outras razões.

#### **Quadro 5**

*A comunicação influencia ‘sim’ a ir votar. Mas como?*

Códigos	Segmentos	Porcentagem
Ao mostrar que havia algo de errado/era preciso agir	4	66,67
Por meio de campanhas para ir votar	1	16,67
A partir do envolvimento que gera com a política	1	16,67
<b>TOTAL</b>	<b>6</b>	<b>100,00</b>

*Qyadro 5*

Foram codificadas também as diferentes maneiras como os inquiridos acreditam que a comunicação política influencia, para além do convencimento explícito sobre votar (Tabela 6). Nesse sentido, em 14 codificações, distribuídas em 6 códigos, os principais resultados foram: ‘Ajuda a decidir em quem votar’ (28, 57%) e ‘Orienta sobre como funcionam as eleições’ (21,43%). As afirmações ‘Ajuda a conhecer políticos e partidos’, ‘Apresenta partidos que falam com o jovem’ e ‘Mobiliza pessoas para participar da política’ foram codificadas 2 (14,29%) vezes cada. E ‘Mostra como partidos grandes não falam do que interessa’ apenas uma (7,14%) vez.

## Quadro 6

*Comunicação: De que modo influencia(ou)?*

Códigos	Segmentos	Porcentagem
Ajuda a decidir em quem votar	4	28,57
Orienta sobre como funcionam as eleições	3	21,43
Ajuda a conhecer políticos e partidos	2	14,29
Apresenta partidos que falam com o jovem	2	14,29
Mobiliza pessoas para participar da política	2	14,29
Mostra que partidos grandes não falam o que interessa	1	7,14
<b>TOTAL</b>	<b>14</b>	<b>100,00</b>

*Quadro 6*

Sobre por onde acompanham notícias sobre política (Tabela 7), todos responderam que o fazem, em maior ou menor grau e por diferentes meios. A ‘TV’, com 9 (29,03%) em 31 codificações, ainda tem o seu lugar quando esses jovens querem se informar, assim como os ‘jornais’ nacionais (29,03%) em suas versões online. ‘Público’ e ‘Expresso’ foram citados por 3 (25%) e 2 (16%), respectivamente, dos 9 entrevistados que disseram acompanhar notícias por meio de sites de notícias. As ‘redes sociais’ foram codificadas 8 (25,81%) vezes e seguidas pelo formato Podcast (9,68%) e pelo rádio (6,45%).

## Quadro 7

*Notícias sobre política: por onde acompanha?*

Códigos	Segmentos	Porcentagem
Televisão	9	29,03
Jornais online	9	29,03
redes sociais	8	25,81
Podcasts	3	9,68
Rádio	2	6,45
<b>TOTAL</b>	<b>31</b>	<b>100,00</b>

*Quadro 7*

## 4.4. Comportamentos políticos: o que pensam sobre a política e a democracia?

Duas perguntas, muitas respostas. A seguir são apresentadas as variadas perspectivas

sobre política e democracia, trazidas pelos entrevistados. No caso da política (Tabela 8), foram 18 codificações em 10 códigos, 10 maneiras de perceber o conceito. ‘Tudo é política’, uma definição já bem difundida sobre o tema, foi citada 4 (22,22%) vezes. A ideia de que política é ‘Decisão em sociedade’ correspondeu a 3 (16,67%) das codificações, assim como ‘É transformar/ melhorar a vida das pessoas’ (16,67%). Política também é ‘Instrumento de cidadania’ para 3 dos inquiridos, tendo sido essa resposta codificada 11,11% das vezes. Mas política também é ‘Decisão sobre nossos direitos’ (5,56%), ‘Envolvimento | Compromisso’ (5,56%), ‘Lutar por um bem comum’ (5,56%), ‘É a forma como o país é gerido’ (5,56%), ‘Poder’ ou ‘Confusão’ (5,56%).

### **Quadro 8**

*O que é política?*

Códigos	Segmentos	Porcentagem
Tudo é política	4	22,22
Decisão em sociedade	3	16,67
É transformar/ melhorar a vida das pessoas	3	16,67
Instrumento de cidadania	2	11,11
Decisão sobre nossos direitos	1	5,56
Envolvimento   Compromisso	1	5,56
É lutar por um bem comum	1	5,56
É a forma como o país é gerido	1	5,56
É poder	1	5,56
É Confusão	1	5,56
<b>TOTAL</b>	<b>18</b>	<b>100,00</b>

*Quadro 8*

Em relação à democracia (Tabela 9), foram 10 os códigos encontrados. O que obteve maior número de codificações, 6 (30%) de 20, foi o de que a democracia é a ‘melhor alternativa que se tem’ ou o algo como o ‘menor dos males’. Democracia também é ‘Decisão tomada pela maioria’ (20%) e é ‘Dar voz a todos’ (15%). É ainda ‘Dar poder ao outro sobre os direitos das pessoas’ (5%), ‘Inclusão’ (5%), pois ‘todos podem votar’, ‘Acesso a direitos’ (5%), ‘É um processo’ (5%) e ‘É ter diferentes formas de governo juntas’ (5%). Por outro lado, a democracia também foi lembrada ‘por ser não ser sinônimo de liberdade de expressão’ (5%) e pelo fato de que ‘Podia ser mais democrática’(5%).

## **Quadro 9**

*Notícias sobre política: por onde acompanha?*

Códigos	Segmentos	Porcentagem
Melhor alternativa que se tem   menor dos males	6	30,00
Decisão tomada pela maioria	4	20,00
Pluralidade   dar voz a todos	3	15,00
Dar poder ao outro sobre os direitos das pessoas	1	5,00
Inclusão   Todos podem votar	1	5,00
Acesso a direitos	1	5,00
É um processo   Um conjunto de fatores	1	5,00
É ter diferentes formas de governo juntas	1	5,00
Não é sinônimo de igualdade de expressão	1	5,00
Podia ser mais democrática   ter maior participação	1	5,00
<b>TOTAL</b>	<b>20</b>	<b>100,00</b>

*Quadro 9*

## **5. ANÁLISE DAS HIPÓTESES DO ESTUDO**

### **5.1. Hipótese 1: O interesse do jovem pelo voto nasce de sua socialização política primária, por meio da família.**

Na fase da socialização primária, os papéis e atitudes dos "outros significativos," como mencionado por Berger & Luckmann (2004), gradualmente se tornam conceitos mais abstratos na mente da criança, à medida que as normas são internalizadas. Essas normas, mais tarde, refletem uma compreensão mais ampla que se aplica à sociedade em geral (p. 178). Durante esse processo, a criança desenvolve uma compreensão individual que, posteriormente, se expande para abranger conceitos mais amplos. No caso da participação política convencional, quando a criança observa no ambiente doméstico a valorização do ato de votar, há uma chance maior de que ela aprecie e passe a achar natural a adoção dessa prática pela sociedade em geral.

As interações familiares, principalmente com os pais, são valiosas para despertar o interesse dos jovens pela política, como evidenciado pelas respostas dos entrevistados. Resultado idêntico já havia sido alcançado por estudo mais amplo de M. Silva & Fernandes-Jesus (2022) realizado com jovens ativistas (p. 44). Entre os jovens da atual pesquisa, mesmo quando essas experiências não foram o motivo principal lembrado para o interesse político, acabaram de alguma forma ajudando a fazê-los perceber a importância da participação política e a fazer com que esses jovens encarassem o ato de ir votar propriamente dito como um comportamento intrínseco. Essa dinâmica foi observada na maioria dos participantes do estudo e, de fato, apenas dois não mencionaram os pais ou a família em si como responsáveis direta ou indiretamente pela visão que tinham da política ou do voto. “Cresci em um meio onde havia consciência política e onde a necessidade do voto, o valor do voto era constantemente relembrado” (e1.), disse uma das participantes do estudo. Outro afirmou: “Ninguém me forçou a votar, mas todo o ambiente que eu sempre vivi cá em casa foi no sentido de há um dia no ano em que a gente vai votar” (e12.). Outro entrevistado lembrou que em sua família “toda a gente vota, nem sequer há muita questão sobre isso” (e9.). E mais um disse: “Eu lembro-me de desde muito pequeno, quando os meus pais iam votar nas eleições, eu ia com eles (e7.).

As conversas sobre política em casa também eram frequentes e aconteciam em diferentes contextos, de acordo com (e8.): “No Natal, aniversários... Não há um momento que não se fale sobre política quando se reúne a família”. Para (e10.) as discussões eram

especialmente sobre decisões que interferiam na vida de todos diretamente, como aconteceu durante o período de isolamento da Covid-19. O participante (e5.) ponderou: “Sempre fui muito curioso, sempre houve discussão política, os problemas da sociedade, as questões prementes”. Já para a entrevistada (e6.) esse tipo de diálogo começou um pouco mais tarde, quando ela efetivamente passou a se interessar pelo tema. Levou um tempo também para (e12.) manifestar seu interesse. Já (e11.) disse que desde sua adolescência ela própria era responsável por incentivar o debate em casa. Isso está alinhado com as descobertas de Kim & Stattin (2019), que desafiam as expectativas da literatura política ao sugerirem que, com o tempo, os jovens tendem a discutir menos política em suas famílias. Pelo contrário, suas pesquisas indicam que, na realidade, essas discussões tendem a se intensificar (p. 258). Ocorre que os jovens, com o passar do tempo, demonstram um maior interesse pelo tema e os pais mantêm sua posição como uma das fontes mais preponderantes de influência política sobre essa faixa etária, a despeito das transformações e mudanças nos fatores de socialização que ocorrem durante a transição para a idade adulta (Brites, 2015, p. 9; Kim & Stattin, 2019, p. 258). No caso de (e12.), o fenômeno estendeu-se ao avô paterno, com quem ele gosta de debater sobre política e compartilha visões semelhantes sobre o cenário político nacional.

É válido então dizer que a família teve a capacidade de estimular a participação política entre os jovens deste estudo. No entanto, é preciso revisitar o ponto discutido na introdução, em que Brites (2015) destaca que a família não exerce um direcionamento direto sobre o envolvimento dos jovens (p. 9). O ambiente familiar facilita a troca de experiências e estimula o interesse, mas é o próprio jovem quem acaba por tomar a decisão, o que inclui a escolha do candidato em que irá votar. Uma das entrevistadas (e.11) compartilhou que houve uma tentativa de persuasão , por parte de seu pai, quando ela foi votar pela primeira vez. Porém, ela optou por uma direção diferente. Sagnier & Morell (2021) sugerem que a transição para a vida adulta é um percurso moldado pelas construções sociais, sendo composto por trajetórias individuais e histórias de vida que, devido à sua singularidade, refletem as dinâmicas predominantes na sociedade. Isso se manifesta tanto através da ampla gama de escolhas disponíveis, permitindo liberdade de decisão, quanto das diversas restrições, limitações e obstáculos que tornam desafiador o percurso em direção a essa forma de "maturidade social" que é representada pela fase adulta (Sagnier & Morell, 2021, p. 16). Em outras palavras, a discussão pode ter início em família, mas a conduta em si segue para além da porta de casa.

## **5.2. Hipótese 2: O interesse pelo jovem caminha junto com a sua socialização política secundária, a partir da escola e do relacionamento com os pares.**

Ao contrário da socialização primária, que envolve uma forte conexão emocional com os "outros significativos" da infância, a socialização secundária não requer essa mesma intensidade de vínculo emocional. Como afirmado por Berger & Luckmann (2004): "a criança deve amar a mãe, mas não o professor" (p. 188). No entanto, o tom de realidade desse conhecimento precisa ser reforçado por técnicas pedagógicas específicas, cuja natureza depende das motivações individuais para adquirir esse novo conhecimento (p. 191).

A escola desempenha um papel central na socialização secundária dos jovens. Mas apesar do tempo considerável que passam nela, observa-se que o ambiente escolar nem sempre estimula o debate e a participação política (Brites, 2015), ainda que tenha o potencial para moldar a visão dos jovens sobre a política (p. 199). Já M. Silva & Fernandes-Jesus (2022) indicam que a ausência de discussões políticas na escola, na perspectiva dos jovens, pode ser estar ligada à intenção de promover uma mentalidade de "cidadãos mais conformistas" (p. 18). Uma das entrevistadas no presente estudo expressa críticas semelhantes sobre esse aspecto:

Fala-se tanto de história, mas não se vai à raiz do ‘o que é que é isto?’, ‘o que é que fundamentou estas pessoas?’, ‘por que é que isso aconteceu?’, ‘onde é que estamos agora?’... acho que a escola podia ter um papel mais ativo e imparcial. (e.1)

Entretanto, há aqueles que enxergam a escola como o lugar ideal para que os mais novos deem os primeiros passos na socialização política (Brites, 2015, p. 199; M. Silva & Fernandes-Jesus, 2022, p. 52), até de maneira mais contínua e efetiva se comparada à família (Brites, 2015, p. 199). Alguns entrevistados disseram, por exemplo, que foi a partir de experiências promovidas por seus professores e/ou pelo sistema de ensino que eles se interessaram pelo meio político. Uma das entrevistadas relatou: “(Havia) um professor ou outro que se notava que era mais reivindicativo... Que saía um bocadinho do que era para ser dado na matéria. Hoje tenho consciência que houve ali algumas coisas que também ajudaram a fazer o caminho” (e.1). Outro disse:

Eu tinha uma disciplina, que era Geografia, e nossa professora era muito boa. E ela falou assim, numa aula, uma vez, que muitos problemas que o nosso país tem é precisamente porque as pessoas não saem da escola devidamente bem-educadas. (e.4)

Os relatos seguem: “Filosofia, para mim foi incrível porque eu tive uma professora que nos fazia questionar e foi uma disciplina que me fez também ganhar pouco a pouco alguma consciência sobre o mundo” (e.6). Também os professores ou a escola incentivaram os alunos a seguir a se envolverem mais ativamente, por meio do Parlamento Jovem: “...foi meu professor de Geografia do 11º ano que, apesar da matéria de Geografia não ser tanto isso, sempre incentivou nós termos debates políticos nas aulas, incentivou-nos a participar no Parlamento Jovem, que era algo que eu não conhecia” (e.7). E mais um depoimento: “Na escola havia muitas atividades... em torno da ação política. Por exemplo, nós tínhamos todos os anos, participávamos, eu participei duas vezes quando andava no ensino secundário do Parlamento dos Jovens” (e.8). Já a posição política atual de (e.4) diverge da que tinha a professora que o incentivou, o que sugere ainda que a formação política de um jovem também não se encerra na escola.

A interação com os pares desempenha um papel significativo na socialização política secundária das novas gerações. Aliás, pesquisas anteriores confirmam que a comunicação ativa entre pares e as mensagens cívicas online têm impacto no comportamento político e na participação política dos jovens (Ohme et al., 2018, p. 3256). Por outro lado, Peacock & Leavitt (2016) identificaram que há uma preferência por interações políticas entre pessoas geograficamente mais próximas, o que não acontece apenas por afinidades pessoais, mas também por fatores econômicos e geopolíticos imediatos que afetam suas vidas(p. 7). Neste estudo, quase metade dos entrevistados apontou que os amigos, de fato, desempenharam um papel relevante em sua participação política convencional, logo após a família e ao lado da escola, o que mais uma vez demonstra a influência das conexões nas atitudes políticas e, ao mesmo tempo, que os mais jovens não necessariamente substituem as discussões em família (Kim & Stattin, 2019, p. 250) e, em se tratando de política, mantém-se expostos a múltiplas fontes de influência e diferentes pontos de vista. O convívio com “toda a gente muito ligada nos direitos humanos e com envolvimento político, ainda que não necessariamente partidário” (e.2), foi o que influenciou uma das entrevistadas. Para (e.4) a política era “um assunto muito longe” até pessoas os amigos e ele, pessoas racializadas, entenderem que era preciso combater, em Portugal, o que eles passaram a enxergar, nos EUA, através de Donald Trump. Já (e.7) foi influenciado por um amigo que já era interessado em política. A entrevistada (e.10) lembra que os amigos e ela sempre foram muito politizados. E (e.12) sentiu que precisava acompanhar os amigos ao perceber que estes eram bem mais informados do que ele.

### **5.3. Hipótese 3: O ativismo e outras formas de mobilização, pelo contrário, aumentam o interesse do jovem pela política ao invés de diminuir.**

Não foi perguntado aos jovens diretamente se as alternativas de mobilização política, cívica ou social das quais eles faziam ou já tinham feito parte fizeram com que eles se perdessem em algum momento a vontade de votar, mas todos envolvidos com essas ações, e mesmo aqueles que, por diferentes motivos, não mais participam desses projetos, seguem participando do processo eleitoral. Uma das entrevistadas disse, aliás, que foi justamente a sua experiência com o ativismo o que a incentivou:

Ir para o coletivo ou estar em um coletivo, em vez de sossegar essa vontade, pelo contrário, só avivou e crer que é só um voto... Mas é talvez a maneira mais direta que podemos, que temos de chegar a alguma ação, então... Acho que só avivou a vontade em vez do inverso. (e.1)

Isso condiz com a pesquisa realizada por M. Silva & Fernandes-Jesus (2022) e que indicou que Jovens, mesmo quando ativos em determinados movimentos, não renunciam ao direito ao voto. Entre as formas de envolvimento político que se destacam no meio deles, as não-convencionais se sobressaem, evidenciando a importância que eles conferem a essas ações, tanto por suas implicações estratégicas e de mobilização, quanto pelas emoções e memórias que despertam. Entretanto, vários desses ativistas ressaltaram que essas ações não substituem o ato de votar, o qual consideram como um pilar fundamental para a preservação da democracia (p. 5).

Finalmente, a precariedade das condições de vida não foi claramente identificada entre os jovens entrevistados, e não foi possível analisar se foi uma barreira para a participação política convencional.

### **5.4. Hipótese 4: Os jovens acreditam na democracia, apesar do ceticismo generalizado, do aumento da abstenção eleitoral entre os mais jovens e das teorias que apontam para uma crise do sistema democrático.**

Para os entrevistados, a política “mexe com todos.” (e12). Ela está presente no dia a dia dos cidadãos de diversas formas e é “o que reges nossas vidas.” (e9). Política pode ser sinônimo também de transformação da sociedade e da criação de pontes (e.5). E por ser tão relevante para a vida das pessoas, ela pede “envolvimento” e “compromisso” (e.8).

Tudo o que acontece assim, enquanto seres humanos, é política. Desde a relação que um pai ou uma mãe tem com os seus filhos (ou) que nós, enquanto cidadãos, temos com os órgãos de governo... Política é poder... todas as dinâmicas de poder, ao fim e ao cabo, são política. (e4).

Não houve quem demonstrasse apatia em relação à política, pelo contrário: percebeu-se mais uma necessidade de se estar atento e agir quanto ao que acontece no meio político pois as decisões tomadas nele afetam “em que molde é que as coisas vão acontecer... as prioridades a serem dadas a diferentes setores.” (e2.). É válido lembrar mais uma vez que a amostra selecionada para o estudo não necessariamente representa a população de indivíduos dentro da mesma faixa etária e dos demais critérios de seleção. Mas os resultados contêm pontos de vista que merecem ser observados.

E se a situação econômica do país também é parte da caminhada do jovem para a vida adulta, não foi à toa que esta surgiu entre as respostas do estudo. Um dos jovens ponderou: “Ter nascido em 1999 e as crises terem sido sempre, ou quase sempre, uma constante na minha vida, também fez com que eu tivesse algum interesse em política. Se tivesse nascido em 89, se calhar, eu não seria muito interessado” (e.7).

O crescimento das tendências extremistas teve um efeito parecido de chamar a atenção dos jovens, conforme relatado por uma das entrevistadas (e1). Quando questionado sobre sua motivação para votar, outro entrevistado também mencionou o sentimento de ameaça à democracia em Portugal:

Tendo a estar mais politicamente ativo e a tentar contribuir mais quando sinto que há uma ameaça à democracia, uma agenda com a qual eu não me identifico... E que poderá romper com uma série de princípios basilares numa democracia. (e.5)

O que acontece fora de Portugal também conta, como a ascensão de Trump ao poder, tendo este acontecimento desafiado a concepção de democracia vigente (e.4) e feito com que a política deixasse de ser um tema distante, tanto para esse jovem quanto para seus amigos.

Quanto à democracia, sim, os jovens acreditam nela. A frase habitualmente atribuída a Churchill<sup>1</sup>, aliás, foi eventualmente lembrada pelos entrevistados. “A democracia não é perfeita, mas por exclusão é o melhor entre o que já foi experimentado”(e12). A democracia também nos concede uma voz, a liberdade de sermos indivíduos (e9). Já o participante (e4.)

<sup>1</sup> "A democracia é o pior dos regimes, à excepção de todos os outros": Winston Churchill teria proclamado a frase durante discurso na Câmara dos Comuns em Londres, Inglaterra, em 11 de novembro de 1947.

disse que, ao contrário do que se diz, democracia não é aceitar todas as opiniões. E fez menção ao Paradoxo da Tolerância<sup>2</sup> reforçando: “Temos que ser intolerantes com a tolerância, isso também tem que ser uma ferramenta da democracia. Ou ela vai deixar de existir” (e4.).

Nenhum dos jovens foi questionado sobre em quem vota e todos foram até mesmo orientados previamente de que não era preciso revelar isso, pois não era o objetivo da entrevista. Alguns mencionaram o partido ou no mínimo a ideologia, porém esses dados não foram apurados, exceto quando os entrevistados indicaram a ideologia, partido ou candidato como razões para terem desejado votar, no sentido de fazer oposição. E de certo modo, é possível dizer que esses jovens não estão desapercebidos ao que eles acreditam ser um risco para a democracia ou a liberdade.

O voto faria diferença para a maioria dos entrevistados. Ainda que seja, como alguns fizeram questão de mencionar, ‘apenas um voto’. Mas na soma do todo esse voto contribui para a tomada de decisão. Não votar é não ter sua voz ouvida. Não ter sua demanda acrescentada à agenda política. E se todos pensassem assim, não seria possível haver democracia. Neste ponto é necessário recordar o estudo de (Costa, 2022, p. 45) que identificou que, entre os jovens portugueses que alcançaram a maioridade, 53% comparecem às urnas em todas as eleições. Isso evidencia que, para muitos deles, o ato de votar é valorizado, mesmo quando não é obrigatório, o que vale inclusive para jovens ativos politicamente em outros contextos (Sagnier & Morell, 2021, p. 292). E condiz com o que foi identificado das entrevistas desta investigação.

### **5.5. Hipótese 5: A comunicação é importante para informar sobre política e envolver o jovem e fomentar sua participação.**

Somente um dos inquiridos afirmou que campanhas de incentivo ao voto podem influenciar diretamente na decisão de ir votar. Entre os que indicaram que a comunicação contribui de outro modo, o principal aspecto apontado foi o de ajudar a conhecer os candidatos disponíveis e seus partidos e escolher em quem votar, ainda que seja para que o adversário não ganhe: “A comunicação ajuda-me a tomar a decisão” (e.3). Campanhas políticas também orientam sobre o processo eleitoral em si, nomeadamente, quanto a como votar e de que maneira funciona o sistema: “Para uma pessoa que acabou de começar a votar, perceber como é que funciona a parte da proporção e tal... Acho também que esse gênero de

---

<sup>2</sup> Paradoxo da Intolerância em *The Open Society and Its Enemies*, Karl Popper (1945).

explicação, às vezes, na escola, não passa de um jeito tão importante” (e2). Outra função da comunicação é mobilizar as pessoas (e.5) quando candidatos ou partidos não falam aquilo que realmente importa ou porque nem tudo está como o esperado:

Eu acho que já me influenciou para ir votar, até pela negativa. Ou seja, eu vejo a comunicação, mas vejo que falta lá algo, então eu percebo que preciso ir votar, porque as pessoas não estão a falar destes assuntos que interessam. (e.11)

Os entrevistados livremente trouxeram suas percepções sobre a propaganda dos partidos. Um deles (e.8), lembrou que os atuais grandes partidos de Portugal, PS e PSD, não têm um discurso voltado para os mais jovens. Mas o Bloco de Esquerda, o Iniciativa Liberal e até mesmo o PCP têm feito um esforço para alcançar as faixas etárias mais novas. Diferente do indicado na introdução do estudo, a ‘desinformação’ não foi citada pelos entrevistados, nem como um fator que aproxima, nem como que afasta o jovem eleitor. A forma mais agressiva como alguns partidos comunicam pode causar algum incômodo, a partida, o que não necessariamente pode ser traduzido como um motivo de distanciamento, ao menos a partir do que foi levantado durante as entrevistas:

Além do Chega, já há partidos que muitas vezes adotam esse tipo de retórica de comunicação, que é o caso da Iniciativa Liberal do Bloco de Esquerda... Eu acho nocivo... muito de apelo à emoção...perde-se ali um bocado de institucionalismo. (e.8)

É interessante notar que o termo ‘polarização’ também não surgiu em nenhuma das entrevistas. Isso está alinhado com o apontamento feito por Cardoso et al. (2022), de que a sociedade portuguesa percebe um nível de polarização relativamente baixo em comparação com outros países avaliados (p. 18).

A TV ainda é usada pelos jovens para se acompanhar as notícias da política nacional, ainda que em alguns casos eles façam isso de forma indireta, ao assistirem apenas porque estão junto com os seus pais. Confirma-se o que foi dito na primeira parte deste estudo, de que os veículos tradicionais, incluindo os jornais em suas versões online, são vistos como fontes mais confiáveis. Os mais lembrados foram os canais RTP e SIC e os sites noticiosos nacionais, como Público e Expresso, mas internacionais, como o The Guardian, Washington Post, The New York Times e Folha de São Paulo foram citados. Um entrevistado (e.4), observou que a televisão é muito focada nos escândalos relacionados aos políticos, o que contribui para que ele, por vezes, prefira o rádio. Outro participante (e.12) também gosta de

se informar por meio do rádio quando está em meio a seus afazeres, e prefere grandes rádios de notícias nacionais, como a TSF Notícias, Observador, Antena 1 e Renascença. O podcast tem seu lugar junto aos jovens que buscam por informação breve e de qualidade. As redes sociais em si não foram apontadas diretamente como causa para a participação. E entre os jovens que fizeram parte deste estudo, elas perdem para TV e os sites jornalísticos, ainda que seja por muito pouco, quanto a por onde eles acompanham notícias sobre política. Por vezes, os jovens até se deparam com a notícia nas redes sociais dos veículos, mas a partir daí vão para os respectivos sites, como este entrevistado: “Tenho Twitter, tenho Instagram, a política entrou em todos estes canais de comunicação, portanto, tenho vindo a ver algumas coisas através dessas vias, ainda que quando quero informação segura... tenho tendência a ir aos sites noticiosos mais credíveis.” (e5.)

Cardoso et al. (2009) lembra que o período entre a infância e a adolescência é o ideal para a conquista dessa audiência (p. 177). Para atrair e engajar os jovens, jornalistas deverão alcançar o equilíbrio no debate, de forma que este seja ao mesmo tempo respeitoso e empolgante (Peacock & Leavitt, 2016, p. 8).

## **5.6. Síntese e discussão dos resultados**

Neste estudo, foram identificadas algumas descobertas relacionadas às diferentes hipóteses:

A socialização política primária, principalmente por meio da família, é fundamental para desenvolver o interesse dos jovens pela política. As interações familiares, especialmente com os pais, têm um impacto significativo ao fortalecerem a importância da participação. Isso foi observado na maioria dos participantes do estudo.

A socialização secundária, por meio principalmente da escola e do convívio com os amigos, também tem um lugar significativo na formação das perspectivas políticas dos jovens. Vale destacar que nem sempre a escola promoveativamente discussões políticas e é essencial que os professores e o sistema educacional promovam esse envolvimento.

O ativismo e outras formas de mobilização não diminuem o interesse dos jovens pela política, podendo até aumentar o desejo de votar, como uma maneira direta de causar impacto político. Isso sugere que o ativismo e a participação política convencional não são mutuamente exclusivos para os jovens.

Os jovens acreditam na democracia, apesar do ceticismo generalizado. Eles reconhecem a importância da política em suas vidas e veem a democracia como um sistema

que lhes concede voz e liberdade. Mesmo diante do aumento da abstenção eleitoral entre os jovens e das teorias que apontam para uma crise democrática, os entrevistados mantêm sua crença na democracia como o melhor sistema disponível.

Embora a propaganda política nem sempre influencie diretamente a escolha de voto dos jovens, campanhas políticas e notícias ajudam a tomar decisões mais informadas. Além disso, a comunicação mobiliza as pessoas. Entretanto, os entrevistados observaram a falta de um discurso mais direcionado e do diálogo entre a política e os jovens.

Em resumo, o estudo identificou o lugar da família na socialização política primária dos jovens, a escola e os pares têm influência na socialização política secundária, a participação cívica não afasta os jovens da política, estes ainda acreditam na democracia e a comunicação pode avançar no sentido não só de informar, como de aproximar.

## 6. CONCLUSÃO

Como é comum em estudos empíricos, este trabalho apresenta limitações que merecem consideração. Uma delas é a homogeneidade da amostra, composta inteiramente por indivíduos no ensino superior, o que a diferencia significativamente da população dessa faixa etária em Portugal, segundo dados do Eurostat relativos a 2022<sup>3</sup>. Além disso, a dificuldade em recrutar participantes entre os 18 e 24 anos nos movimentos analisados representou outro desafio, sugerindo a necessidade de estratégias de amostragem mais abrangentes em futuras pesquisas.

Em linhas gerais, o objetivo da investigação foi perceber a complexa teia de influências que moldam o despertar político dos jovens em Portugal a partir das interconexões entre pais, família, amigos, escola, o universo político e a comunicação. Um dos retornos diz respeito à educação cívica precoce, através da família, que não necessariamente garante a aproximação futura com a política, mas pode tornar o caminho para a participação convencional mais fácil. Professores e escola também têm o potencial de promover a formação cívica e política, preparando indivíduos mais informados e engajados na sociedade, e programas de educação cívica e debates políticos nas escolas podem ser estratégias eficazes nesse sentido.

Há uma visão positiva sobre a democracia, considerada uma construção a ser preservada, embora sua materialização apresente algumas deficiências. Paralelamente, a política foi percebida como um componente fundamental, permeando diversas esferas de nossas vidas e, portanto, impossível de ser negligenciada. A prática do voto permanece relevante, e os participantes deste estudo não apenas enxergam esse ato como um direito, mas também como um dever cívico inegociável. Outra descoberta interessante é a forte influência do hábito na prática do voto, sugerindo que aqueles que já votaram antes têm maior probabilidade de continuar a fazê-lo, reforçando a necessidade de envolver os jovens desde cedo no processo político.

Já a influência da comunicação na decisão de votar dos entrevistados mostrou-se bem menor do que o esperado e nenhuma campanha específica foi lembrada como catalisadora desse processo. Algumas manifestações de insatisfação surgiram em relação a determinadas campanhas partidárias e/ou extremistas, mas o peso da comunicação, no geral, se mostrou mais sutil, assinalando a necessidade de ajustar as estratégias de comunicação política para torná-las mais eficazes em promover a participação política ativa e informada entre os jovens,

---

<sup>3</sup> <https://ec.europa.eu/eurostat/databrowser/bookmark/3cda484a-4bce-4a83-a226-e4987a8b7f62?lang=en>

garantindo que suas vozes sejam ouvidas. Para desempenhar um papel verdadeiramente eficaz, os meios de comunicação, partidos políticos e líderes políticos devem estabelecer uma linguagem que ressoe com os jovens, reconhecendo suas aspirações e valorizando-os como cidadãos ativos. Isso pode incluir campanhas políticas abordando questões relevantes para as novas gerações, como educação, emprego e meio ambiente, e usando diferentes meios para alcançá-los. Partidos políticos, especificamente, podem adotar uma abordagem mais inclusiva, oferecendo oportunidades de estágio político, incentivando o envolvimento em iniciativas comunitárias e desenvolvendo políticas que atendam às preocupações específicas da juventude.

Em última análise, este estudo oferece insights valiosos para envolver os jovens na política e fortalecer a democracia. Mas ao lançar luz sobre o tema não marca o encerramento desse entendimento e sim a necessidade de um diálogo contínuo. A comunicação, partidos e políticos precisam estabelecer uma linguagem que de fato alcance os jovens. Ações concretas são necessárias para garantir que a voz e as preocupações dos jovens sejam de fato integradas ao processo político de Portugal, contribuindo assim para uma democracia mais robusta.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albarello, L., Digneffe, Hiernaux, Maroy, Ruquoy, Saint-Georges, & Baptista. (2005). Prática e métodos de investigação em ciências sociais. In *Trajectos: Vol. 39*. Gradiva.
- Audemard, J. (2020). Objectifying Contextual Effects. The Use of Snowball Sampling in Political Sociology. *BMS Bulletin of Sociological Methodology/ Bulletin de Methodologie Sociologique*, 145(1), 30-60–60. <https://doi.org/10.1177/0759106319888703>
- Berger, P. L., & Luckmann, T. (2004). *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes.
- Boudon, R., Matos, M., & Rosa. (1990). *Os métodos em sociologia*. Edições Rolim.
- Brites, M. J. (2015). Jovens e culturas cívicas: Por entre formas de consumo noticioso e de participação. In *Série Pesquisas em Comunicação* (p. 225). [www.livroslabcom.ubi.pt%5Cn](http://www.livroslabcom.ubi.pt%5Cn)
- Cardoso, G., Espanha, R., & Lapa. (2009). Do quarto de dormir para o mundo. In *Estudos e documentos*). Âncora Editora.
- Cardoso, G., Paisana, M., & Pinto-Martinho, A. (2022). *Digital News Report Portugal 2022*.
- Cardoso, G., Santos, S., & Telo, D. (2016). *Jornalismo em Tempo de Crise*. Mundos Sociais.
- Carmo, R. M., & Simões, J. A. V. (2020). Protest, youth and precariousness. In *Protest, culture and society: Vol. 27*). Berghahn Books.
- Corbu, N., Oprea, D. A., Negrea-Busuioc, E., & Radu, L. (2020). ‘They can’t fool me, but they can fool the others!’ Third person effect and fake news detection. *European Journal of Communication*, 35(2), 165–180. <https://doi.org/10.1177/0267323120903686>
- Costa, P. (2022). *A Participação Política da Juventude em Portugal: Portugal em 2020*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cunha, F., & Rios, G. B. (2021). Explicações e Desenhos na Ciência Política : O caso do Comparecimento Eleitoral. *Revista Latinoamericana de Metodología de Las Ciencias Sociales*, 11(1), 0–19.
- da Silva, M. T., Gonçalves, J., Coelho, P., & Brites, M. J. (2021). *Discurso de ódio, jornalismo e participação das audiências*. Grupo Almedina.
- De Blasio, E., & Sorice, M. (2018). Populism between direct democracy and the technological myth. *Palgrave Communications*, 4(1). <https://doi.org/10.1057/s41599-018-0067-y>
- Della Porta, D. (2003). Introdução à ciência política. In *Temas de sociologia: Vol. 17*). Editorial Estampa.
- Eco, U. (2021). Hard and Soft Communication. Umberto Eco’s Lecture at Festival della Comunicazione di Camogli in 2014. *Observatorio (OBS\*)*, 15, 185–193.
- Feixa, C., Pereira, I., & Juris, J. S. (2009). Global citizenship and the “new, new” social movements: Iberian connections. *Young*, 17(4), 421–442. <https://doi.org/10.1177/110330880901700405>
- Flick, U., & Parreira, A. M. (2005). Métodos qualitativos na investigação científica. In *Manuais de Gestão*). Monitor.
- Gerbaudo, P. (2018). Social media and populism: an elective affinity? *Media, Culture and Society*, 40(5), 745–753. <https://doi.org/10.1177/0163443718772192>
- Gerber, A. S., Green, D. P., & Shachar, R. (2003). Voting may be habit-forming: Evidence from a randomized field experiment. *American Journal of Political Science*, 47(3), 540–550. <https://doi.org/10.1111/1540-5907.00038>

- Gurevitch, M., Coleman, S., & Blumler, J. G. (2009). Political communication -old and new media relationships. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 625(1), 164–181. <https://doi.org/10.1177/0002716209339345>
- Halupka, M. (2016). *Don 't knock clickivism : it represents the political participation aspirations of the modern citizen*. 3–5.
- Handcock, M. S., & Gile, K. J. (2011). *On the Concept of Snowball Sampling*.  
<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,shib&db=edsarx&AN=edsarx.1108.0301&lang=pt-pt&site=eds-live&scope=site>
- Holt, K., Shehata, A., Strömbäck, J., & Ljungberg, E. (2013). Age and the effects of news media attention and social media use on political interest and participation: Do social media function as leveller? *European Journal of Communication*, 28(1), 19–34. <https://doi.org/10.1177/0267323112465369>
- Hupe, P., & Edwards, A. (2012). The accountability of power: Democracy and governance in modern times. *European Political Science Review*, 4(2), 177–194. <https://doi.org/10.1017/S1755773911000154>
- Jebril, N., Albæk, E., & de Vreese, C. H. (2013). Infotainment, cynicism and democracy: The effects of privatization vs personalization in the news. *European Journal of Communication*, 28(2), 105–121. <https://doi.org/10.1177/0267323112468683>
- Kaase, M. (2009). Perspectives on Political Participation. In *The Oxford Handbook of Political Behavior*. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199270125.003.0042>
- Kim, Y., & Stattin, H. (2019). Parent-youth discussions about politics from age 13 to 28. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 62(April), 249–259. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2019.04.001>
- Koopmans, R. (2009). Social Movements. *The Oxford Handbook of Political Behavior*, 1–16. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199270125.003.0037>
- Lima, M. D. P. C., & Artiles, A. M. (2013). Youth voice(s) in EU countries and social movements in southern Europe. *Transfer: European Review of Labour and Research*, 19(3), 345–364. <https://doi.org/10.1177/1024258913493732>
- Lisi, M., Freire, A., & Tsatsanis, E. (2020). *Political representation and citizenship in Portugal*. Lexington Books.
- Loukakis, A., & Portos, M. (2020). Another Brick in the Wall? Young people, Protest and Nonprotest Claims Making in Nine European Countries. *American Behavioral Scientist*, 64(5), 669–685. <https://doi.org/10.1177/0002764219885435>
- Magalhães, P. (2022). *A Participação Política da Juventude em Portugal: Um retrato comparativo e longitudinal, 2002-2019*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Marquart, F., Goldberg, A. C., & de Vreese, C. H. (2020). ‘This time I’m (not) voting’: A comprehensive overview of campaign factors influencing turnout at European Parliament elections. *European Union Politics*, 21(4), 680–705. <https://doi.org/10.1177/1465116520943670>
- Mazzoleni, G. (2020). Contemporary political communication. *Central European Journal of Communication*, 13(3), 441–445. [https://doi.org/10.51480/1899-5101.13.3\(27\).8](https://doi.org/10.51480/1899-5101.13.3(27).8)
- Norris, P. (1999). *Critical citizens*. Oxford University Press.
- Ohme, J., de Vreese, C. H., & Albaek, E. (2018). The uncertain first-time voter: Effects of political media exposure on young citizens’ formation of vote choice in a digital media environment. *New Media and Society*, 20(9), 3243–3265. <https://doi.org/10.1177/1461444817745017>
- Parvin, P. (2018). Democracy Without Participation: A New Politics for a Disengaged Era. *Res Publica*, 24(1), 31–52. <https://doi.org/10.1007/s11158-017-9382-1>

- Peacock, C., & Leavitt, P. (2016). Engaging Young People: Deliberative Preferences in Discussions About News and Politics. *Social Media and Society*, 2(1).  
<https://doi.org/10.1177/2056305116637096>
- Rodrigues, M., Menezes, I., & Ferreira, P. D. (2018). Effects of socialization on scout youth participation behaviors. *Educacao e Pesquisa*, 44. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844175560>
- Sagnier, L., & Morell, A. (2021). *Os Jovens em Portugal, hoje*. Fundação Francisco Manoel dos Santos. <https://www.pordata.pt/Comunicacao/Infografia+Os+Jovens+em+Portugal-138>
- Silva, M., & Fernandes-Jesus, M. (2022). *A Participação Político da Juventude em Portugal: A participação política de jovens vista por dentro*.
- Silva, P., Costa, E., Macêdo, M., Palhau, J., & Machado, S. (2022). *A Participação Político da Juventude em Portugal: As juventudes partidárias e os movimentos associativos*.
- Yang, F., & Horning, M. (2020). Reluctant to Share: How Third Person Perceptions of Fake News Discourage News Readers From Sharing “Real News” on Social Media. *Social Media and Society*, 6(3). <https://doi.org/10.1177/2056305120955173>

## **ANEXOS**

### **Anexo A**

#### *Modelo Guião*

Nome:

Idade:

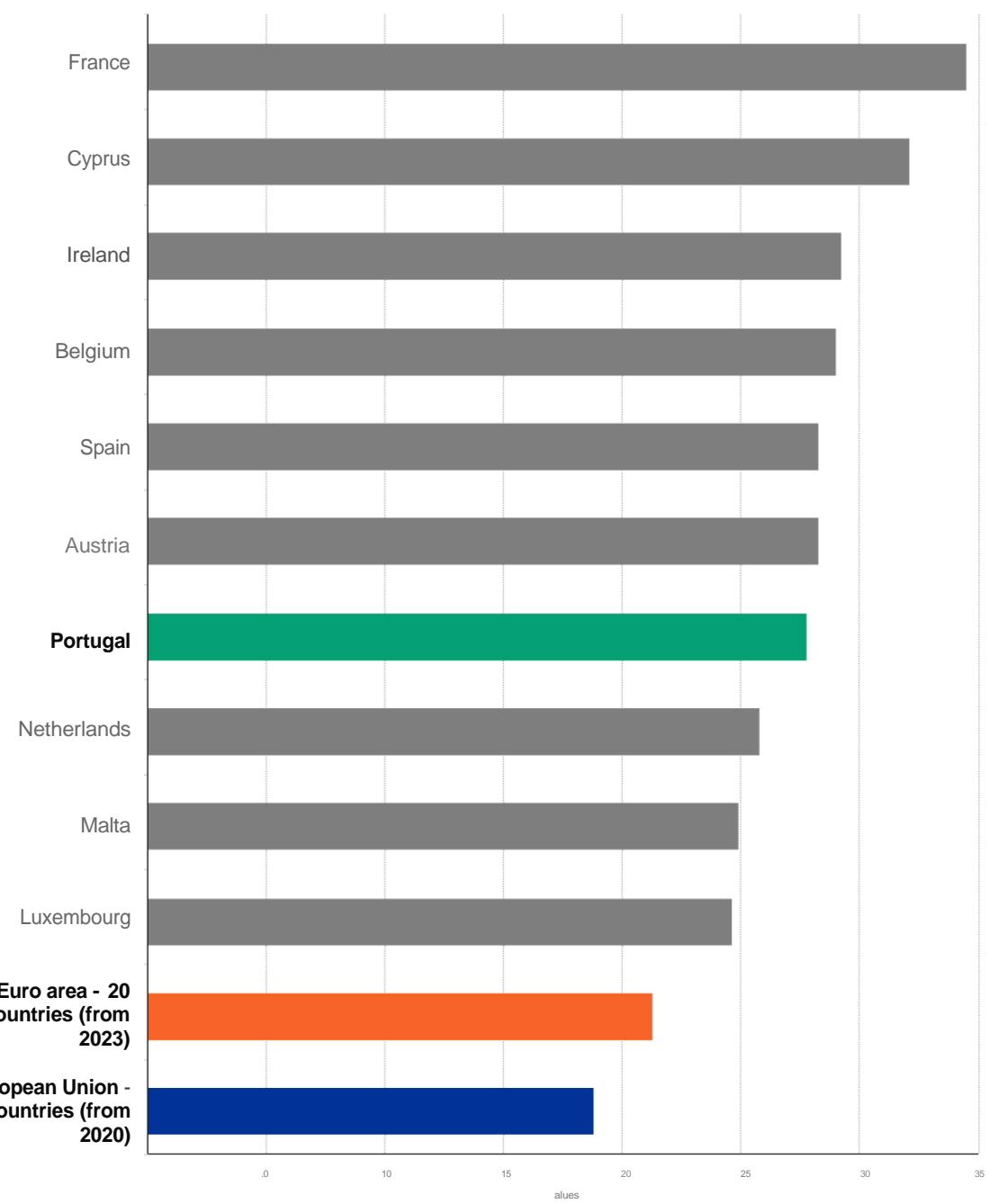
Escolaridade:

Morada:

1. Participa de qual(is) movimento(s)? Outra forma de participação? Teve algum obstáculo para participar? Qual?
2. Votou em recentes em Portugal? (Sim/Não). Votou em todas? Quais? E se não votou em alguma, qual foi o motivo?
3. Por que decidiu votar? O que ou quem influenciou? E o que prejudicou?
4. Em sua casa há o hábito de conversar sobre política? Desde quando? O quanto você participava dessas conversas? O que elas despertavam?
5. Política é...? E por que pensa assim?
6. Acompanha notícias sobre política? Por onde acompanha?
7. A comunicação sobre política (institucional, partidária ou do próprio candidato) influenciou/ influencia de alguma forma sua decisão de votar? De outra forma influencia?
8. O que é democracia na sua visão?
9. Acredita que o seu voto possa fazer a diferença? O que aconteceria se você não votasse?

## Anexo B

Dados Eurostat (2022) da população dos 20 aos 24 anos com ensino superior na União Europeia e Zona do Euro.



Population by educational attainment level, sex and age (%) - main indicators

Geopolitical entity (reporting) / Time: Time frequency: Annual Sex: Total Age class: From 20 to 24 years Unit of measure: Percentage International Standard Classification of Education (ISCED 2011): Tertiary education (levels 5-8). Values for 2022. Bars in red represent not available data..

Source of data: Eurostat (online data code:  
EDAT\_LFSE\_03) Last update 14/09/2023 22:00

## Anexo C

*Resumos com segmentos codificados - Dissertação.mx22*

Código	Segmentos codificados
Por que vota/votou? > Possibilidade de nossa voz ser ouvida	é uma das poucas coisas que nós realmente temos também, em democracia, para fazer ouvir a nossa voz. e.11: 16 - 16 (0)
Por que vota/votou? > Para que não ganhasse o outro partido (extrema direita)	Mas também em quem não vai ficar para votar pelo país (no sentido de votar para decidir quem não vai ganhar também). Ou seja, eu votei até por causa disso, porque havia um certo partido que eu não queria que ganhasse, que é um partido fascista, então eu preferia que fosse qualquer outro partido, exceto aquele partido, e foi por causa disso que eu votei. e.10: 18 - 18 (0)
Por que vota/votou? > É um privilégio poder votar	enquanto mulher, mulher racializada, sei também o privilégio que é eu poder votar, porque antes, mulheres antes de mim, mulheres como eu não puderam votar. e.11: 16 - 16 (0)
Por que vota/votou? > Porque fiz 18 anos.	pelo facto de que quando alguém faz 18 anos, é sempre aquela questão: "ah! já posso votar? e.8: 12 - 12 (0)
Por que vota/votou? > Está tudo interligado	a crise ambiental, a crise social, a crise econômica, a crise política: está tudo interligado. e.7: 30 - 30 (0)
Por que vota/votou? > Se eu não votar alguém vota por mim	Se eu não votar, alguém vota por mim. e.6: 22 - 22 (0)
Por que vota/votou? > Gosto/ apoio o(a) candidato(a)	também de acordo com as ideias que eu tinha, votei na candidata, no caso, que eu achei que era melhor. e.6: 22 - 22 (0)
Por que vota/votou? > Gosto de votar	também gosto e quero participar. e.6: 22 - 22 (0)
Por que vota/votou? > Das + Importantes formas de participação políti	ainda que não seja a única, a única forma de participação política, é uma das principais. E é uma das que tem mais impacto. e.5: 24 - 24 (0)
Por que vota/votou? > É simples votar	é só uma cruzinha. e.1: 24 - 24 (0)
Por que vota/votou? > Voto é uma ferramenta de mudança	é a ferramenta mais próxima que temos, talvez de criar alguma mudança por pouca que seja. e.4: 16 - 16 (0)
Por que vota/votou? > Interesse numa causa	comecei a entender assim esses problemas e depois entra, é claro, a questão das alterações climáticas, que minha geração sempre foi muito educada nesse sentido. e.4: 18 - 18 (0)
Por que vota/votou? > Já tinha interesse em política	já é uma área da qual eu tenho interesse. e.12: 18 - 18 (0)
	já gostava de ler sobre política, já me interessar pela vida política e, portanto, fez-me sentido e entrei. e.5: 26 - 26 (0)
	já me interessava muito por política. e.4: 16 - 16 (0)

<p>Por que vota/votou?  &gt; Nossa vida é decidida pela política   decidem por nós</p>	<p>acreditando ou não na forma como aquelas instituições funcionam, o que é verdade é que aquelas instituições regulam a nossa sociedade. e.7: 16 - 16 (0)</p>
	<p>as decisões tomadas pelos dirigentes políticos impactam a nossa vida toda. e.2: 26 - 26 (0)</p>
	<p>nossa vida é decidida ali, com aquelas pessoas, naquele sítio. E mínimo que podemos fazer ao pensar que é importante. e.1: 24 - 24 (0)</p>
<p>Por que vota/votou?  &gt; Em casa todo mundo sempre votou</p>	<p>venho de uma família que é politicamente ativa no sentido em que, ainda que não se envolvendo com partidos, sempre votou e sempre teve esse hábito de ir votar. Se for preciso, até abdica de fazer o que quer que seja no próprio dia para poder estar presente nas urnas, porque é um mínimo. e.12: 18 - 18 (0)</p>
	<p>foi por influência da família. Na minha toda a gente vota. e.9: 15 - 15 (0)</p>
	<p>a minha família toda a gente vota. e.3: 14 - 14 (0)</p>
	<p>Cresci em um meio onde havia consciência política e onde a necessidade do voto, o valor do voto era constantemente relembrado. e.1: 12 - 12 (0)</p>
<p>Por que vota/votou?  &gt; Ser parte decisão   Impactar agenda política</p>	<p>Depois também pelo facto de considerar de que há muitas decisões, mesmo que de forma indireta, são decididas da nossa sociedade e não só as que são decididas na hora do voto. Portanto, é uma oportunidade de poder dada e se queres fazer parte desse processo o voto é ainda assim. e.8: 12 - 12 (0)</p>
	<p>a minha voz continue numa coisa em que eu posso ter acesso, que é o voto. e.6: 22 - 22 (0)</p>
	<p>é através do voto que nós conservamos ou transformamos, portanto, a política, a agenda política. e.5: 24 - 24 (0)</p>
	<p>quero ter algum papel a decidir como é que a minha vida e as pessoas com quem eu vivo e.2: 26 - 26 (0)</p>
<p>Por que vota/votou?  &gt; É um direito e/ou um dever   Questão de cidadania</p>	<p>dever cívico. e.12: 18 - 18 (0)</p>
	<p>Eu, pessoalmente, eu tenho uma consciência cívica eu acho que muito forte. Então para mim o direito ao voto, além de um direito, é também um dever cívico. e.11: 16 - 16 (0)</p>
	<p>Eu acho que decidi votar porque é um direito de poder direto à pessoa para decidir quem vai governar o país, quem tem poder sobre os nossos direitos no país. e.10: 18 - 18 (0)</p>
	<p>creio que é um dever. e.9: 15 - 15 (0)</p>
	<p>Porque é um dever cívico. Acho que toda a gente devia votar. Depois, pelo facto também de ser mais um (voto) entre tantos, mas acho que esse, se calhar, ainda é o mais importante direito, foi conquistado e nós não devemos desvalorizar e se temos esse direito, devemos exercê-lo. e.8: 12 - 12 (0)</p>
	<p>o voto é um exercício de cidadania. e.7: 16 - 16 (0)</p>
	<p>é um direito e um dever cívico. e.6: 22 - 22 (0)</p>
	<p>mesmo a questão da responsabilidade política e eu querer ser devidamente representado.. e.4: 16 - 16 (0)</p>

	<p>é um direito que eu tenho. e.3: 14 - 14 (0).      é um dever. e.3: 14 - 14 (0)</p>
O que te influencia ou influenciou? > Família	<p>e12: A família, graças a Deus, pesou de forma positiva nessa decisão também. Ninguém me forçou a votar, mas todo o ambiente que eu sempre vivi cá em casa foi no sentido de há um dia no ano em que a gente vai votar, eu já tinha ido votar com a minha mãe quando era pequenino, às mesas de voto, lembro-me perfeitamente disso acontecer....sempre fui incutido. Essa ideia de que pronto. Neste dia a gente faz isto e é assim, isto tem esta consequência. Pronto e fez-me sentido então fazer parte disso. e.12: 20 - 20 (0)</p> <p>Os meus pais aos domingos... todos vamos votar. Os meus pais iam sempre votar e desde pequenina cresci com eles a dizer "ok, vamos votar e depois vamos fazer isto...". e.11: 22 - 22 (0)</p> <p>Sim. A gente pode dizer, pronto, assim que fiz 18 anos, eles perguntaram se eu ia votar e disseram que eu devia votar. e.10: 20 - 20 (0)</p> <p>realisticamente, foi por influência da família. Na minha família toda a gente vota, nem sequer há muita questão sobre isso. e.9: 15 - 15 (0)</p> <p>Sim, teve família. A minha família sempre votou em todas as eleições. e.8: 14 - 14 (0)</p> <p>Por acaso essa coisa de nós irmos votar sempre foi algo que foi incutido, pelo menos em família. Eu lembro-me de desde muito pequeno, quando os meus pais iam votar nas eleições, eu ia com eles, ficava na parte de fora da escola e eles iam votar. Portanto, sempre acompanhei isso. E pronto, nós somos pessoas minimamente informadas, sempre assistimos telejornais, desde pequenos, portanto, sempre tive também esse cuidado de estar o mais informado possível. Portanto, a partir daí, a participação sempre foi incutida pelos meus pais. e.7: 18 - 18 (0)</p> <p>E também o meu pai, pronto, o meu pai (entende de) história, apesar de não trabalhar em história, mas pronto, é uma pessoa super interessada e que lê muito. E desde que eu comecei a ter um interesse mesmo muito vago pela política, também (o pai) me incentivou muito, a sugerir leituras, a também criticar muitas coisas e ter conversas sobre essas coisas. E acho que foi também ao longo do tempo o estímulo que me fez não votar, mas ter interesse nas coisas, acho que é mais isso. e.6: 24 - 24 (0)</p> <p>Na minha família toda a gente vota, os meus, os meus tios, meus pais, a minha irmã que é mais velha, portanto, fazia todo o sentido. e.3: 14 - 14 (0)</p> <p>sempre houve essa importância minimamente assinalada da política. Não que tivéssemos grandes discussões sobre economia ou assim, mas sempre, toda a gente votou em casa... Amigos também.. Mas o contato mais direto era da família e sempre toda a gente foi esquerda e isso naturalmente terá tido uma influência em mim e.2: 28 - 28 (0)</p> <p>Cresci em um meio onde havia consciência política e onde a necessidade do voto, o valor do voto era constantemente relembrado. e.1: 12 - 12 (0)</p>
O que te influencia ou influenciou? > Escola	<p>também teve muito da escola. Na escola havia muitas atividades (que) nós fazíamos em torno da ação política. Por exemplo, nós tínhamos todos os anos, participávamos, eu participei duas vezes quando andava no ensino secundário do Parlamento dos Jovens, que é uma iniciativa do estado português. e.8: 14 - 14 (0)</p> <p>No âmbito político tenho um professor que foi bastante marcante, que foi meu professor de Geografia do 11º ano que, apesar da matéria de Geografia não ser tanto isso, sempre incentivou nós termos debates políticos nas aulas, incentivou-nos a participar no Parlamento Jovem, que era algo que eu não</p>

conhecia... Portanto, em termos de política mesmo a sério, fui introduzido por esse meu professor de Geografia do 11º ano e que coincidiu com a altura em que comecei a me interessar mais por política. e.7: 18 - 18 (0)

Acho que, por exemplo, eu já sabia que ia gostar muito de filosofia no secundário porque era uma pessoa que também já era interessada nas coisas. Mas de facto, filosofia, para mim foi incrível porque eu tive uma professora que nos fazia questionar e foi uma disciplina que me fez também ganhar pouco a pouco alguma consciência sobre o mundo. e.6: 24 - 24 (0)

eu comecei a me interessar mais por política já quando estava no 10º ou no 11º ano, portanto lá no ensino médio, no secundário. Tinha uma disciplina, que era Geografia, e nossa professora era muito boa. E ela falou assim, numa aula, uma vez, que muitos problemas que o nosso país tem é precisamente porque as pessoas não saem da escola devidamente bem-educadas. E pronto, acabou incentivando muito essa questão da política e, ironicamente, tínhamos ideologias muito opostas. Mas despertou-me para essa questão e também, quando fui para o secundário, eu escolhi o curso de línguas e Humanidades, que é um dos 4 cursos e esse abriu muitos olhos no sentido de entender assim, mais a sociedade. Então, aí em Geografia, como falávamos com muitas pessoas e, por exemplo, da questão do desequilíbrio demográfico, temos muitas pessoas idosas e poucas pessoas jovens, entender como é que funcionava por exemplo para pagar as pensões dessas pessoas, comecei a entender assim esses problemas e depois entra, é claro, a questão das alterações climáticas, que minha geração sempre foi muito educada nesse sentido. E depois foi progredindo. Fui me informando cada vez mais. Aí quando foi no meu 12º ano, portanto, já em 2016, também tive uma disciplina que era de sociologia... já não havia volta a dar. Realmente é falar da sociedade a fundo, então comecei a entender os problemas todos e pensei: Meu Deus, temos que fazer alguma coisa sobre isso e.4: 18 - 18 (0)

escola, um professor ao outro, que se notava que era mais reivindicativo... Que saía um bocadinho do que era para ser dado na matéria e dava um bocadinho da opinião, que hoje tenho consciência que era uma pessoa que saía um bocadinho, mas na altura a política era um assunto presente, mas ainda não era um assunto dos grandes... Hoje tenho consciência que houve ali algumas coisas que também ajudaram a fazer o caminho. e.1: 18 - 18 (0)

O que te influencia ou influenciou? >  
Amigos

Lembro-me de estar no meu secundário no 10º ano, 11º, 12º e ouvir algumas conversas nos corredores da minha escola. Estamos a falar de quando eu tinha 15, 16, 17 anos, lembro de ouvir alguns colegas meus a falar de política e alguns que já estavam muito informados e eu pensar: "bem, caramba, não estou nem perto disto. Não faço ideia do que estão a falar". e.12: 22 - 22 (0)

os meus amigos estavam também já muito politizados nesse sentido e então eu decidi votar. e.10: 20 - 20 (0)

em termos de influências de amigos, também através dessa influência desse meu professor de geografia do 11º anos que um colega meu que atualmente é o meu melhor amigo também sempre se interessou por política, portanto, influenciamos-nos também um ao outro. e.7: 18 - 18 (0)

Falávamos sim, ocasionalmente, mas era um assunto muito assim longe de nós e, de repente, vem uma pessoa que veio desafiar a ideia que tínhamos de democracia e dizer coisas que nunca tínhamos ouvido nenhum político dizer e isso obrigou a enfrentar também, assim, os problemas que nós aqui em Portugal também tínhamos. Por exemplo, até então, eu nunca tinha pensado assim, muito, muito ativamente sobre, por exemplo, o racismo e com uma pessoa ativamente fascista vai para o poder, comecei a falar com colegas meus que também eram pessoas racializadas sobre o tema e vi: Nossa, isso realmente é uma questão. Temos que trabalhar sobre isso. e.4: 18 - 18 (0)

	<p>os meus amigos também. Pronto. Atualmente eu vivo com pessoas da Salvador, então também é toda a gente muito ligada nos direitos humanos e com envolvimento político, ainda que não necessariamente partidário. Movimentos sociais e assim, pelo que acabo a ter bastantes conversas sobre algumas questões societárias, o que poderia ser melhor, pior, direitos humanos.. e.2: 28 - 28 (0)</p>
O que te influencia ou influenciou? > Aumento extrema direita	<p>nós ou teremos um partido que irá fazer uma coligação, um acordo, o quer que seja com a extrema direita. Portanto, eu diria que sim, tendo a estar mais politicamente ativo e a tentar contribuir mais quando sinto que há uma ameaça à democracia, uma agenda com a qual eu não me identifico de todo. E que lá está, que poderá romper com uma série de princípios que eu considero basilares e cruciais numa democracia. e.5: 42 - 42 (0)</p>
	<p>Foi num contexto, ainda em 2016, quando o Donald Trump estava para ser eleito, aí começamos a falar muito sobre isso. e.4: 18 - 18 (0)</p>
	<p>E ultimamente, pelo menos em Portugal, com o crescimento da Extrema direita acho que as pessoas, os jovens, têm estado mais atentos. E apesar de ser uma coisa má, as pessoas têm que estar mais atentas. E perceber o porquê, não sei, mas mais interesse. e.1: 22 - 22 (0)</p>
O que te influencia ou influenciou? > Comunicação	<p>eu também ouço muitos podcasts, alguns falam sobre política também, então vou acompanhando minimamente. Tenho alguns comentadores que gosto mais de ouvir e através dos quais as vezes vou acedendo à informação. e.2: 30 - 30 (0)</p>
O que te influencia ou influenciou? > Economia do país	<p>O fato de eu ter nascido em 99 e das crises terem sido sempre, ou quase sempre, uma constante na minha vida, também fez com que eu tivesse algum interesse em política. Por exemplo, se em vez de ter nascido em 99, tivesse nascido em 89, se calhar eu não seria muito interessado nessas coisas. Porque até mais ou menos 2001, entre a segunda metade dos anos 80 e 2001, apesar de ter havido uma pequena restrição ali em meado dos anos 90, Portugal nunca viveu uma crise profunda como começou a viver a partir da do final da década de 2000. Portanto, é. É como eu digo, também foi um pouco de como o contexto me influenciou. e.7: 28 - 28 (0)</p>
O que te influencia ou influenciou? > Fazer ativismo	<p>E ir para o coletivo ou estar em um coletivo em vez de sossegar essa vontade, pelo contrário, só avivou e crer que é só um voto... Mas é talvez a maneira mais direta que podemos, que temos de chegar a algum, alguma ação, então, em vez de... Acho que só avivou a vontade em vez do inverso. e.1: 12 - 12 (0)</p>
Como a família influenciou? > Todos votam em casa (+)	<p>realisticamente, foi por influência da família. Na minha família toda a gente vota, nem sequer há muita questão sobre isso. e.9: 15 - 15 (0)</p>
	<p>Sim, teve família. A minha família sempre votou em todas as eleições. e.8: 14 - 14 (0)</p>
	<p>Na minha família toda a gente vota, os meus, os meus tios, meus pais, a minha irmã que é mais velha, portanto, fazia todo o sentido. e.3: 14 - 14 (0)</p>
	<p>sempre houve essa importância minimamente assinalada da política. Não que tivéssemos grandes discussões sobre economia ou assim, mas sempre, toda a gente votou em casa. e.2: 28 - 28 (0)</p>
Como a família influenciou? > Ia votar com os meus pais	<p>já tinha ido votar com a minha mãe quando era pequenino, às mesas de voto, lembro-me perfeitamente disso acontecer. e.12: 20 - 20 (0)</p>
	<p>Por acaso essa coisa de nós irmos votar sempre foi algo que foi incutido, pelo</p>

	menos em família. Eu lembro-me de desde muito pequeno, quando os meus pais iam votar nas eleições, eu ia com eles, ficava na parte de fora da escola e eles iam votar. Portanto, sempre acompanhei isso. E pronto, nós somos pessoas minimamente informadas, sempre assistimos telejornais, desde pequenos, portanto, sempre tive também esse cuidado de estar o mais informado possível. Portanto, a partir daí, a participação sempre foi incutida pelos meus pais. e.7: 18 - 18 (0)
Como a família influenciou? > Era o compromisso do dia	e12: A família, graças a Deus, pesou de forma positiva nessa decisão também. Ninguém me forçou a votar, mas todo o ambiente que eu sempre vivi cá em casa foi no sentido de há um dia no ano em que a gente vai votar, eu já tinha ido votar com a minha mãe quando era pequenino, às mesas de voto, lembro-me perfeitamente disso acontecer. Claro que não sabia o que é que estava a acontecer na altura. Mas sempre fui, não digo, não digo lá está, não é forçado, mas sempre fui incutido. Essa ideia de que pronto. Neste dia a gente faz isto e é assim, isto tem esta consequência. Pronto e fez-me sentido então fazer parte disso. e.12: 20 - 20 (0)
	Os meus pais aos domingos, normalmente aqui em Portugal (a eleição) é sempre aos domingos, todos vamos votar. Os meus pais iam sempre votar e desde pequenina cresci com eles a dizer "ok, vamos votar e depois vamos fazer isto...". e.11: 22 - 22 (0)
Como a família influenciou? > Havia militantes de partidos na família	E tive familiares que eram militantes de partidos políticos... Era uma coisa muito presente, muito óbvio. e.1: 14 - 14 (0)
Como a família influenciou? > O voto era algo valorizado	Cresci em um meio onde havia consciência política e onde a necessidade do voto, o valor do voto era constantemente relembrado. e.1: 12 - 12 (0)
Como a família influenciou? > A família era de esquerda	o contato mais direto era da família e sempre toda a gente foi esquerda e isso naturalmente terá tido uma influência em mim. e.2: 28 - 28 (0)
Como a família influenciou? > Disseram que era para ir votar quando fiz 18	Sim. A gente pode dizer, pronto, assim que fiz 18 anos, eles perguntaram se eu ia votar e disseram que eu devia votar. e.10: 20 - 20 (0)
Como a família influenciou? > Ensinaram-me porque votamos	Neste dia a gente faz isto e é assim, isto tem esta consequência. e.12: 20 - 20 (0)
Como a família influenciou? > Família incentivou a saber mais sobre política	E também o meu pai, pronto, o meu pai (entende de) história, apesar de não trabalhar em história, mas pronto, é uma pessoa super interessada e que lê muito. E desde que eu comecei a ter um interesse mesmo muito vago pela política, também (o pai) me incentivou muito, a sugerir leituras, a também criticar muitas coisas e ter conversas sobre essas coisas. E acho que foi também ao longo do tempo o estímulo que me fez não votar, mas ter interesse nas coisas, acho que é mais isso. e.6: 24 - 24 (0)
Conversas sobre política em casa: SIM	As conversas sobre política cá em casa foram mais recentes também porque, pronto, eu era muito novo na altura e eu nunca fui aquela pessoa que começou a interessar-se por política desde muito cedo. e.12: 22 - 22 (0)  Sim e ainda hoje. Claro que quando eu era mais pequena, talvez não se falasse tanto. Talvez, eu já não me lembro. Mas eu, desde a minha

adolescência, mesmo até hoje, eu própria incentivei algumas dessas discussões. e.11: 24 - 24 (0)

Sim, já desde muito nova, meus pais falavam de política. e.10: 24 - 26 (0)

e9: Sim, desde sempre. e.9: 17 - 17 (0)

Sim, conversava-se. No Natal, aniversários, momentos de reuniões de família. Não há um momento que não se fale sobre política quando se reúne a família. e.8: 16 - 16 (0)

Não de forma bastante vincada, mas sim, sempre ouvi o debate sobre política, por exemplo, as medidas do governo para educação, quando era mais novo... Também quando eu era mais criança e entrei no quinto ano a crise de 2008 era algo, não digo que se discutia, mas que seus efeitos tiveram impacto na vida financeira... e.7: 26 - 26 (0)

Acho que sempre tive um pouco essa noção, mas ter conversas sobre política, realmente mais a sério, só começou a acontecer quando eu interessei-me mais e queria saber mais coisas. Até porque tenho um irmão que tem interesses completamente diferentes aos meus, e não tem grandes conversas sobre política com o meu pai, apesar de também ter se calhar até mais com outras pessoas. Falamos dessas coisas em casa, mas eu com o meu pai, especificamente... Trocamos muitas ideias. e.6: 34 - 34 (0)

Ou seja, na minha família sempre houve a questão da discussão político partidária (e) sempre houve a discussão política, incidindo ela ou não sobre questões, questões partidárias. Há pouco falávamos da questão do envolvimento político, e enfim, a política não se faz só nos partidos. Mas sim, desde pequeno também. Sempre fui muito curioso, sempre houve discussão política, os problemas da sociedade, as questões prementes, portanto, sim, sempre houve discussão. e.5: 28 - 28 (0)

mas há abertura para falar sobre o assunto. e.3: 18 - 18 (0)

e2: Sim, sim, sim. e.1: 15 - 16 (0)

Comunicação Influencia quanto a ir votar? >  
Comunicação SIM influencia quanto a IR votar

eu acho que já me influenciou para ir votar, até pela negativa. Ou seja, eu vejo a comunicação, mas vejo que falta lá algo, então eu percebo que preciso de ir votar, porque as pessoas não estão a falar destes assuntos que interessam. e.11: 32 - 32 (0)

Eu acho que não a comunicação direta, mas sim do momento, ou seja, razões para ir votar talvez tenham sido comunicadas pelos partidos, sim, pode ser que sim. e.9: 31 - 31 (0)

Influencia um pouco. Eu diria que para pessoas que estão mais ou menos inseridas no meio político, como é o meu caso, é preciso mais do que a comunicação para convencer o meu voto ou para convencer, tipo, o meu envolvimento. Porque não me resumo só à comunicação, vejo mais coisas, mas diria que, se calhar, na maior parte dos meus colegas que já estão envolvidos na política, a comunicação numa escala de 0 a 100% deve ser para 70%. e.8: 28 - 28 (0)

não houve nada em específico, mas foi o fato de eu sempre ter acompanhado as notícias. O fato de esse tempo para acompanhar a política nacional e o facto da política nacional não estar propriamente bem, sempre fez com que eu com que eu fosse votar, sempre incentivou com que eu votasse no sentido da mudança, digamos assim. e.7: 24 - 24 (0)

obviamente que eu sinto-me influenciado, portanto, por aquilo que é a

comunicação. e.5: 42 - 42 (0)

A campanha política, mas essa parte geral de ir votar acho que é importante, sim. e.2: 36 - 36 (0)

Comunicação Influencia quanto a ir votar? >  
Comunicação NÃO influencia quanto a IR votar

nunca nenhuma campanha me influenciou no sentido de votar ou não. Para mim, não votar é uma não opção. e.12: 32 - 32 (0)

Não, eu acho que a única coisa que me incentivou mesmo a votar é, por um lado, a questão do poder e que é um direito de toda a gente e, por outro lado, a questão de haver muita gente que não vai votar isso é uma coisa que me faz muita impressão, então alguém rejeitar esse direito é uma coisa que a mim nunca me fez muito sentido. e.10: 36 - 36 (0)

A comunicação em termos de necessidade de ir votar acho que a mim não é uma coisa que me toque, porque já tenho como dado garantido que quero e vou votar a todas as eleições que puder. Portanto, não. Não me afeta propriamente. e.6: 30 - 30 (0)

Não necessariamente. e.4: 32 - 32 (0)

Não. Eu já queria votar antes. e.3: 24 - 24 (0)

No meu caso, acho que não. Eu já voltaria sem... e.1: 30 - 30 (0)

Comunicação: De que modo influencia(ou)? >  
Ajuda a decidir em quem votar

Eu vote sempre e tento sempre votar, e nesse sentido, claro que as campanhas dos partidos também ajudam no sentido de me informar, eu tento sempre votar no partido ou no candidato que têm as ideias com as quais eu mais me identifico e se calhar, afunilando aos 2 principais pilares da minha decisão, é precisamente ver como é que o candidato fala na campanha. Se Eu gosto da forma como fala, se me identifico com a pessoa em questão, às vezes até olho para o currículo da pessoa em questão, e as ideias do partido que, ao fim e ao cabo, o que vai pesar na forma como o Governo funciona são as ideias concretas. O Que mudanças é que se prevê para o país, o que é que vai mudar, o que é que não vai... E portanto, aquilo que eu retiro mais da campanha é precisamente as ideias concretas dos candidatos e os candidatos em concreto, mas no sentido de voto útil. e.12: 32 - 32 (0)

Até falo que mesmo com os meus colegas, e eu tenho bastantes amigos e colegas que são da Iniciativa Liberal ou que pelo menos votam na Iniciativa Liberal, portanto, eu diria que sim. Teve esse impacto. A Comunicação dele (do Iniciativa Liberal), para já não me identifico, mas sei distinguir as coisas e a comunicação deles é muito boa. e.8: 30 - 30 (0)

distinguir os candidatos e ver quem quero escolher. e.4: 32 - 32 (0)

A comunicação ajuda-me a tomar a decisão. e.3: 24 - 24 (0)

Comunicação: De que modo influencia(ou)? >  
Orientar quanto a como funcionam as eleições

Quero dizer, acho que votaria ainda assim, mas acho importante quando saem, por exemplo, posts das pessoas já explicaram o que é que tem de fazer para o voto antecipado, por exemplo... Os círculos eleitorais, às vezes ficam um bocado difíceis... Para uma pessoa que acabou de começar a votar, perceber como é que funciona a parte da proporção e tal. Acho também que esse gênero de explicação às vezes na escola não passa de um jeito tão importante. E mesmo às vezes só o incentivo a ir votar não vai a pessoa ficar completamente aliada da realidade e não saber qual é o dia. e.2: 36 - 36 (0)

Comunicação: De que modo

E aquilo que deu a maioria absoluta foi exatamente essa mensagem de ou votam em nós ou teremos um partido que irá fazer uma coligação, um acordo,

influencia(ou)? > Ajuda a conhecer políticos e partidos	o quer que seja com a extrema direita. Portanto, eu diria que sim, tendo a estar mais politicamente ativo e a tentar contribuir mais quando sinto que há uma ameaça à democracia, uma agenda com a qual eu não me identifico de todo. e.5: 42 - 42 (0)
	crescimento de extrema direita em Portugal, que a comunicação ao mostrar à crua o que é que aqueles partidos eram, acho que incentivaram (os jovens) a ir votar, para isto não acontecer, conheça alguns casos. Pessoas que nem tinham interesse, mas vou votar. Nem sei bem em quem vou votar, mas vou para aquele (de extrema direita) não estar. e.1: 32 - 32 (0)
Comunicação: De que modo influencia(ou)? > Apresenta partidos que falam com o jovem	apesar de não ser militante, é o Bloco de Esquerda. Às vezes o PAN é que acaba por ser o que fala mais disso. Mas de resto sim, principalmente o PSD e o PS não falam. Normalmente no PS é falar do que já se fez e que ainda pode ser possível fazer e eu agora o PSD foca-se muito em ser a alternativa ao PS. e.11: 34 - 34 (0)
	Eu acho que um dos partidos mais notórios no nesse esforço da comunicação tem sido, isto é só um exemplo, tem sido o PCP que, até há poucos anos tinha assim uma retórica de comunicação e uma presença até mesmo nas redes sociais mais enfraquecida. Não estava tão direcionada para os jovens. Ainda havia ali um entre aspas, estava um pouco antiquado, diria. Eles agora fizeram um rebranding na imagem do partido e têm uma participação nas redes sociais muito ativa, com novos designs e muito mais intensidade e até já mesmo algum conteúdo já mais para os jovens. E pronto. No caso desse partido houve melhoria da comunicação, mas também aconteceu em Portugal que depois nós tivemos em 2019 partidos novos a entrar na Assembleia da República. Um deles que entrou foi o IL. O IL trouxe, digamos, um novo paradigma naquilo que é a comunicação dos partidos. e.8: 28 - 28 (0)
Comunicação: De que modo influencia(ou)? > Mobiliza pessoas para participar da política	Por que não me resumo só à comunicação, vejo mais coisas, mas diria que se calhar, na maior parte dos meus colegas que já estão envolvidos na política, a comunicação numa escala de 0 a 100% deve ser para 70% (no sentido de que influencia). e.8: 28 - 28 (0)
	a comunicação tem essa capacidade de mobilizar. E tem se visto, não é? . .5: 42 - 42 (0)
Comunicação: De que modo influencia(ou)? > Mostra como partidos grandes não falam do que interessa	eu acho que já me influenciou para ir votar, até pela negativa. Ou seja, eu vejo a comunicação, mas vejo que falta lá algo, então eu percebo que preciso de ir votar, porque as pessoas não estão a falar destes assuntos que interessam. e.11: 32 - 32 (0)
Notícias sobre política: por onde acompanha? > Televisão	televisão, eu acompanho sobretudo o canal da SIC notícias, e tenho o hábito de vez em quando ver o jornal da noite, ou vejo os jornais síntese a meio do dia, quando estou no almoço. e.12: 24 - 24 (0)
	quando eu vejo as notícias, e às vezes vejo também o telejornal, é só política. Então é um bocado difícil também não ser inundado com notícias política. e.11: 26 - 26 (0)
	Quando eu estou na Lousã, já vejo televisão com mais frequência e muitas vezes gosto de ver debates televisivos, programas na televisão sobre isto ou aquilo. e.8: 18 - 18 (0)

	<p>Na televisão CNN, RTP... SIC Notícias acompanho, mas não acompanho tanto. e.7: 20 - 20 (0)</p>
	<p>Televisão. e.6: 26 - 26 (0)</p>
	<p>televisão é o meio principal. e.5: 30 - 30 (0)</p>
	<p>às vezes vejo televisão, embora não tanto porque acho que a análise política lá não é muito boa e o foco costuma ser muito no escândalo. e.4: 28 - 28 (0)</p>
	<p>Na televisão. Quando os meus pais estão a ver. e.3: 22 - 22 (0)</p>
	<p>Na televisão. Eu costumo ver os telejornais. E tentar perceber... É sempre um meio de comunicação, e interessa dar mais tempo a algumas coisas assim e outras. e.1: 26 - 26 (0)</p>
Notícias sobre política: por onde acompanha? > Jornais online	<p>Por acaso, não. Talvez, quero dizer. Normalmente... eu pessoalmente, eu acho que eu não acompanho, elas é que vêm ter comigo. Normalmente as pessoas que me enviam muitos artigos, eu acho que provavelmente as notícias as quais eu estou mais habituada são as em formato digital do Público. Bastante do Público e as do Expresso também. Mas muitas vezes é... principalmente agora, porque eu estou num movimento por direito à habitação. e.11: 26 - 26 (0)</p>
	<p>Acompanho pelo The Guardian, nas redes sociais. O Público, às vezes. e.10: 30 - 30 (0)</p>
	<p>Sempre tento um bocado ter um jornal de renome no país, pelo menos, ou seja, não todos obviamente, mas em Portugal o (Jornal) O Público, no Brasil, por exemplo, a Folha (de São Paulo) ou nos Estados Unidos o Washington Post. Sempre assim um jornal de renome. e.9: 25 - 25 (0)</p>
	<p>Jornais. e.8: 18 - 18 (0)</p>
	<p>Jornais. e.7: 20 - 20 (0)</p>
	<p>sobretudo jornais. Digitalmente. e.6: 26 - 26 (0)</p>
	<p>ainda que quando quero informação segura, ou mais segura, tenho tendência a ir aos sites noticiosos mais credíveis para consultar informação política, ou seja, os jornais de referência. e.5: 30 - 30 (0)</p>
	<p>ou diretamente a aceder aos artigos dos sites de notícias. e.4: 28 - 28 (0)</p>
	<p>Jornais. e.1: 26 - 26 (0)</p>
Notícias sobre política: por onde acompanha? > redes sociais	<p>redes sociais. e.12: 24 - 24 (0)</p>
	<p>Majoritariamente pela Internet, pelo simples facto de que cá em Lisboa, que é onde estou agora a maior parte do tempo, não tenho televisão em casa. e.8: 18 - 18 (0)</p>
	<p>também pelas redes sociais. e.7: 20 - 20 (0)</p>
	<p>redes sociais. e.6: 26 - 26 (0)</p>
	<p>Nos últimos anos, com a questão das redes sociais, tenho Twitter, tenho Instagram, portanto, a política entrou em todos estes canais de comunicação. Tenho vindo a ver algumas coisas através dessas vias. e.5: 30 - 30 (0)</p>
	<p>o principal é pela internet, assim pelas redes sociais. e.4: 28 - 28 (0)</p>

	<p>muito mais por redes sociais. e.2: 32 - 32 (0)</p> <p>notícias da internet. e.1: 26 - 26 (0)</p>
Notícias sobre política: por onde acompanha? > Podcasts	<p>Também ouço alguns podcasts, nomeadamente, alguns podcasts do próprio Jornal Expresso. É o Expresso da manhã, do Paulo Baldaia. Havia um outro que não estou a recordar, mas pronto. e.12: 24 - 24 (0)</p>
	<p>Podcast. e.5: 32 - 32 (0)</p>
	<p>Podcasts. e.2: 30 - 30 (0)</p>
Notícias sobre política: por onde acompanha? > Rádio	<p>rádio. Eu tenho consumido muita rádio. E quando digo rádio não é o site online da das rádios, é rádio no sentido clássico. Eu tenho o rádio na cozinha e por norma, quando estou a fazer o pequeno almoço, ligo a TSF (TSF Rádio Notícias) ou a Rádio do Observador ou a Antena 1, ou Renascença... Pronto, assim uma das 4 principais rádios de notícias em Portugal. e.12: 24 - 24 (0)</p>
	<p>Rádio, porque acho que é uma coisa boa, até assim, de vez em quando, quando vou no carro assim, com meus pais, acabo por apanhar algumas coisas também. e.4: 28 - 28 (0)</p>
O que é Política? > Tudo é política	<p>é a comunidade, é o dia a dia. Ou seja, na ideia de que é o que reges nossas vidas. e.9: 29 - 29 (0)</p>
	<p>política é qualquer coisa que envolva a participação cívica na sociedade, seja através, por exemplo, de uma associação de estudantes, seja através da participação em reuniões de pais numa escola, seja associações de moradores. Acho que no fundo é tudo o que envolve mexer a sociedade e há trabalhos que acabam por ser um pouco mais políticos nesse sentido, de jornalismo, ONGs. e.6: 28 - 28 (0)</p>
	<p>política é tudo. Tudo o que acontece assim, enquanto seres humanos, é política. Desde a relação que um pai ou uma mãe tem com os seus filhos, desde a relação que nós, enquanto cidadãos, temos com os órgãos de governo. Tudo o que é... Política é poder, né? Então, todas as dinâmicas de poder ao fim, ao cabo, são política e pronto. e.4: 24 - 24 (0)</p>
	<p>consciência essencial para as nossas vidas, porque afeta tudo absolutamente. Desde o sítio onde vivemos, a saúde que temos, o que comemos ou conseguimos adquirir, a qualidade de vida. É uma bola tão grande, é tanta coisa e que vai ter todos os dias da nossa vida. e.1: 24 - 24(0)</p>
O que é Política? > Decisão em sociedade	<p>política é dar voz às pessoas, política é tomar decisões. e.8: 24 - 24 (0)</p>
	<p>escolhemos reger a nossa vida em sociedade, as decisões que se tomam, em que molde é que as coisas vão acontecer. As prioridades a que se vai dar a diferentes setores. e.2: 34 - 34 (0)</p>
	<p>é uma consciência necessária que todos devemos ter. E uma participação ativa, porque mexe com todos. e.1: 24 - 24 (0)</p>
O que é Política? > É transformar/ melhorar a vida das pessoas	<p>no meu caso, pronto é uma é uma é uma das formas de fazer um mundo melhor. e.11: 30 - 30 (0)</p>
	<p>acho que no fundo é esta coisa de poder mudar alguma coisa na forma como se vê a realidade. Como se constrói a realidade. e.6: 28 - 28 (0)</p>
	<p>Política é a transformação da sociedade, é combate às desigualdades.</p>

	Política é transformar a vida das pessoas. Política para mim é discutir os assuntos fraturantes da sociedade. É procurar soluções. É criar pontes. É melhorar a vida das pessoas. e.5: 36 - 36 (0)
O que é Política? > Instrumento de cidadania	Política para mim é uma forma de cidadania. e.11: 30 - 30 (0)  um instrumento. e.3: 16 - 16 (0)
O que é Política? > Decisão sobre nossos direitos	política é um pouco isso, é a gestão dos direitos de uma sociedade. e.10: 28 - 28 (0)
O que é Política? > Envolvimento   Compromisso	envolvimento, é compromisso também. e.8: 24 - 24 (0)
O que é Política? > É lutar por um bem comum	pelo menos para as pessoas que ocupam cargos públicos, deve ser o exercício do bem-estar comum, , deve ser lutar pelo bem-estar comum, apesar de eu ter interesses próprios. e.7: 30 - 30 (0)
O que é Política? > É a forma como o país é gerido	política é a forma como o Governo é gerido, ou seja, a forma como o nosso país é gerido deriva da política. e.12: 28 - 28 (0)
O que é Política? > É poder.	política é poder. e.4: 24 - 24 (0)
O que é Política? > É Confusão	uma grande confusão. e.3: 16 - 16 (0)
Por que o seu voto faz a diferença? > Seria uma influência negativa no círculo de amigos	Eu acho que o meu voto é importante não só por ser mais um e não só por ser o meu voto, pronto, mas também pelo facto de tanto no meu círculo de amigos, como até mesmo no meu círculo de redes sociais, terá alguma influência. e.8: 32 - 32 (0)
Por que o seu voto faz a diferença? > Seria uma oportunidade desperdiçada	Sou só uma pessoa, só, um voto, mas sentia que tinha desperdiçado, podia ter feito qualquer coisa. E sentia uma oportunidade desperdiçada. e.1: 36 - 36 (0)
Por que o seu voto faz a diferença? > É importante haver um engajamento mínimo	meu voto faz a diferença. E lá está aqui: é importante haver um mínimo engajamento com as decisões públicas e políticas especificamente. E, portanto, faz-me todo o sentido votar. e.2: 40 - 40 (0)
Por que o seu voto faz a diferença? > É uma questão de princípio	Para que se vai fazer a cama se na noite seguinte vai estar desfeito outra vez?". Porque é uma questão de princípio, é uma questão de boa educação... Se eu receber visitas, eles vão ver que eu fiz a cama. Se os meus pais vierem cá, eles vão ficar satisfeitos porque pronto, porque é o meu quarto. Posso ir ter de ficar, buscar coisas e eu quero dar um bom exemplo nesse sentido. E acho que o voto é, de certa forma, a mesma coisa e ao fim e ao cabo, não faz uma diferença monstruosa, mas é o exemplo que se dá às outras pessoas e uma questão de princípio. e.12: 34 - 34 (0)
Por que o seu voto faz a diferença? > Faz diferença para os partidos pequenos	Eu acho que faz a diferença o meu voto em particular... Assim, eu costumo votar assim, em partidos um pouco mais pequenos, ou seja, que ainda não têm muita representação eleitoral. Então eu também acabo, infelizmente, tendo que fazer um voto estratégico, né? Às vezes pode custar muito dano dos partidos, mas acabo por votar naquele que eu já sei que não vai ter tantos

	votos quanto o outro e fico contente que o outro vai ser eleito, ainda bem, mas acho que esse também é importante estar no parlamento. e.4: 38 - 38 (0)
Por que o seu voto faz a diferença? > "não é só o voto pelo voto"	faz diferença, como é óbvio, o meu voto faz diferença? Sim, faz diferença. Obviamente não faz diferença em milhões de outros, mas sim faz diferença. Não é só o voto. e.9: 37 - 37 (0)
Por que o seu voto faz a diferença? > poderia ser o voto de desempate	Acredito que se eu deixasse de votar, não sei... quem sabe, em certas eleições... podia ser um voto de desempate. Podia ser o voto exato, esse voto fulcral. Podia ter sido o voto que teria feito a diferença. Acredito que faz uma diferença também porque o meu voto não vai sozinho. Também está com os outros todos que, ou pensam como eu, ou um bocadinho diferente. Por isso eu acredito que numa certa forma, sim, faz uma diferença. e.11: 40 - 40 (0)
Por que o seu voto faz a diferença? > Se todos pensarem assim não há democracia	Se toda a gente votar, aí vai fazer a diferença, do que toda a gente achar que um voto é só um voto e depois ninguém vota e faz a diferença na mesma, mas de forma negativa. E lá está, acho que já não se está a exercer o exercício da democracia. Já não há. A opinião já não é de toda a gente. e.3: 32 - 32 (0)
O que prejudica ir votar/ faz falta? > Prejudica: Comunicação partidos não fala sobre o que interessa	falando aqui dos dois maiores partidos políticos que temos em Portugal, não é? O Partido Socialista e o PSD. Para mim os assuntos, falando enquanto jovem, jovem e pessoa ativista dos direitos humanos, eu não vejo pessoalmente estes dois grandes partidos e depois, obviamente o Chega, a Iniciativa Liberal e até o Partido Comunista, vá. e.11: 34 - 34 (0)
O que prejudica ir votar/ faz falta? > Projudica: Comunicação apelativa de partidos dimunui o respeito	o Chega trouxe uma nova retórica de comunicação de, por exemplo, quando se faz a capa de um vídeo, de uma intervenção de um deputado na Assembleia, usar para palavras, como por exemplo, o André Ventura “arrasou” e o nome da pessoa à frente, “queimou” e o nome da pessoa à frente, ou deixou a certa pessoa com vontade de chorar, com vontade... Eram coisas que até o Chega a aparecer nem se pensava em qualquer partido político colocar na capa de um vídeo ou fazer um tweet sobre isso, com essas palavras, porque havia um certo institucionalismo. A partir do momento em que o Chega entrou, sinto que além do Chega, já há partidos que muitas vezes adotam esse tipo de retórica de comunicação, que é o caso da Iniciativa Liberal do BE. Eu acho isso nocivo, não acho isso nada positivo. Há uma maior intensidade na parte comunicativa mas também muito de apelo à emoção e ao mesmo tempo, perde-se ali um bocado de institucionalismo, um bocado daquilo que é o respeito que devia existir. e.8: 30 - 30 (0)
O que prejudica ir votar/ faz falta? > Prejudica: a escola fala pouco ou nada de política	Acho que até nas escolas, não sei, não há o que é que é direita, o que é esquerda. Fala-se tanto de história, mas não se vai à raiz do “o que é que é isto?”, “o que é que fundamentou estas pessoas?”, “por que é que isso aconteceu?”, “onde é que estamos agora?”. Fala-se muito em acontecimentos, mas não se fundamenta. Há coisas que ainda hoje nos afetam e que ainda hoje fazem parte do nosso dia a dia. ... A escola podia ter um papel mais ativo e imparcial, para cada um depois ter isso. e.1: 24 - 24 (0)
E se não votasse: seria uma influência negativa para os amigos	Acho que se eu não votar, é assim, era apenas menos um voto. Mas eu também sei o poder que tenho quando eu influencio as pessoas, não digo em quem votar, mas para irem votar. e.11: 40 - 40 (0)
	Sempre emiti opiniões muito fortes e concisas e, portanto, sinto que sendo eu esse tipo de pessoa, e depois ter uma eleição e eu não ir votar, e depois não falar sequer publicamente sobre isso, acho que devia ser um certo impacto negativo, pelo menos naquilo que é o meu círculo mais próximo, porque sairia do género. Depois de tanta coisa e afinal não vais votar?. e.8: 32 - 32 (0)